

ARAUTOS DO EVANGELHO: CARISMA, ESPIRITUALIDADE E FINALIDADE¹

Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP²

Resumo

O presente artigo visa apresentar os aspectos teológicos fundamentais do carisma dos Arautos do Evangelho. Em vista disto, serão analisadas as principais características de sua espiritualidade e finalidade, a fim de atingir-se uma visão abrangente do papel deste novo movimento no atual contexto da Igreja Católica.

Palavras-chave: Carisma, espiritualidade, Arautos do Evangelho.

Abstract

This article aims at presenting the fundamental theological aspects of the charism of the Heralds of the Gospel. In view of this, the main characteristics of its spirituality and purpose will be analyzed, in order to attain a comprehensive view of the role of this new movement in the current context of the Catholic Church.

Keywords: Charism, spirituality, Heralds of the Gospel.

Na Igreja santa de Deus, Esposa de Cristo “toda gloriosa, sem mácula, sem ruga, sem qualquer outro defeito semelhante, mas santa e irrepreensível”,³ reflete-se, à maneira de espelho, o mistério do Verbo Encarnado. Com efeito, em Cristo Jesus, Deus e Homem verdadeiro, as duas naturezas, divina e humana, unem-se hipostaticamente numa só Pessoa Divina. Analogamen-

1) Este artigo é uma adaptação e atualização do capítulo III da tese de doutorado em Direito Canônico *A gênese e o desenvolvimento do movimento dos Arautos do Evangelho e seu reconhecimento canônico* (Roma, 2010), apresentada na Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino (*Angelicum*, Roma).

2) O autor é cônego honorário da Basílica Papal de Santa Maria Maior, em Roma, e Protonotário Apostólico supranumerário. É doutor em Direito Canônico pela Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino (*Angelicum*, Roma), doutor em Teologia pela *Universidad Pontificia Bolivariana* e mestre em Psicologia pela *Universidad Católica de Colombia*. É fundador e Presidente Geral dos Arautos do Evangelho, fundador e Superior Geral da Sociedade Clerical de Vida Apostólica Virgo Flos Carmeli e fundador da Sociedade de Vida Apostólica Feminina Regina Virginum, três entidades de Direito Pontifício. É membro da Sociedade Internacional São Tomás de Aquino (SITA) e da Pontifícia Academia da Imaculada, além de fundador desta revista.

3) Ef 5, 27.

te, encontram-se na única Igreja fundada por Cristo,⁴ o elemento humano — social e visível —, e o carismático, pelo qual “resplandece cheia de dons do Espírito Santo”.⁵

Algo semelhante se dá ao se considerar a Igreja enquanto unidade e diversidade. No Catecismo da Igreja Católica explica-se “o mistério sagrado da Igreja Una”⁶ em função da sua origem divina, tendo ela por “modelo e supremo princípio a unidade de um só Deus na Trindade de pessoas”.⁷ “Contudo — prossegue o texto — desde a origem, esta Igreja Una se apresenta com uma grande diversidade, que provém ao mesmo tempo da variedade dos dons de Deus e da multiplicidade das pessoas que os recebem”.⁸

“Há diversidade de dons, mas um só Espírito”,⁹ ensina São Paulo aos Coríntios. Com efeito, ante a abundância das manifestações carismáticas¹⁰ entre os fiéis, o Apóstolo orienta os discípulos a considerar a unidade da Igreja, o “Corpo de Cristo”,¹¹ pois a variedade dos dons — de sabedoria, de palavra de ciência, de realizar milagres, de discernimento dos espíritos, e tantos outros¹² — é concedida pelo mesmo Deus.

Com efeito, os carismas sempre existiram na Igreja enquanto manifestação de sua unidade e diversidade. Na Teologia referem-se eles a um dom gratuito de Deus a um indivíduo em favor de outros em benefício da Igreja, pois “é dada — afirma São Paulo — a manifestação do Espírito para proveito comum”.¹³ Assim, o Apóstolo utiliza diversas vezes o termo “carisma” e quando o emprega no plural (*χαρίσματα*), faz menção a diferentes dons con-

4) Cf. *Lumen gentium*, n. 8.

5) “Sanctique Spiritus donis referta coruscet” (*Denzinger-Hünermann*, 575).

6) *Catecismo da Igreja Católica*, n. 813-814 (*Lumen gentium*, 8).

7) L. cit.

8) L. cit.

9) I Cor 12, 4.

10) Sobre o sentido do termo “carisma” nas epístolas paulinas, recomenda-se a obra de M. G. CORDERO, *Teología de la Biblia*, Madrid 1972, pp. 154-163. Nela estuda-se a enumeração dos dons carismáticos nas diversas epístolas, assim como a unidade e diversidade dos carismas, sua classificação e a relação dos diversos carismas com a autoridade apostólica.

11) I Cor 12, 27.

12) Cf I Cor 12, 8-11.

13) I Cor 12,7

cedidos por Deus “que opera tudo em todos”¹⁴ dentro de uma comunidade.¹⁵

Ora, por meio desses carismas, o Povo de Deus participa do múnus profético de Cristo, através do Espírito Santo que santifica e conduz a Igreja, não apenas beneficiando-se com as riquezas doadas pela magnificência de Deus, mas assumindo as responsabilidades inerentes a essa participação em benefício da Igreja.¹⁶

Tocará, evidentemente, ao critério superior das autoridades competentes, julgar a autenticidade desses dons carismáticos e ordenar seu exercício, promovendo-os e assimilando aqueles que sejam bons,¹⁷ pois o próprio Espírito os submeteu à autoridade dos Apóstolos.¹⁸ Por isso, João Paulo II assim afirma: “É fundamental [...] que cada movimento se submeta ao discernimento da autoridade eclesial competente. Por essa razão, nenhum carisma dispensa da reverência e da submissão aos Pastores da Igreja”.¹⁹

Cumpridas estas condições, os carismas devem ser acolhidos com reconhecimento e generosidade por quem os recebe, e por todos os membros do Corpo de Cristo. E, se é verdade ser indispensável discernir a autenticidade divina desses dons e carismas, tarefa que compete aos pastores, a eles cabe também especialmente zelar para não se extinguir a ação do Espírito, procurando que todos cooperem em sua diversidade e complementaridade.²⁰

Tais carismas, que manifestam a presença atuante do Espírito Santo, não constituem as funções eclesiais particulares — segundo George e GreLOT²¹ — e podem encontrar-se em qualquer fiel batizado, seja qual for seu

14) I Cor 12,6

15) Cf. I Cor 12, 9.28.30; “Carisma” in C. O’DONNELL, S. PIÉ-NINOT. *Diccionario de Ecclesiology*. Madrid: San Pablo, 2001, p. 130.

16) *Apostolicam actuositatem*, n. 3.

17) Cf. I Ts 5, 12; *Lumen gentium*, n. 12.

18) Cf. I Cor 14; *Lumen gentium*, n. 7.

19) “È fondamentale [...] che ogni movimento si sottoponga al discernimento dell’Autorità ecclesiastica competente. Per questo nessun carisma dispensa dal riferimento e dalla sottomissione ai Pastori della Chiesa” (GIOVANNI PAOLO PP. II, *Discorso agli appartenenti ai Movimenti Ecclesiali e alle Nuove Comunità nella vigilia di Pentecoste*, 30/5/1998, in *Insegnamenti*, vol. 21/1, Roma 1998, 1123).

20) “Quae charismata, sive clarissima, sive etiam simpliciora et latius diffusa, cum sint necessitatibus Ecclesiae apprime accommodata et utilia, cum gratiarum actione ac consolatione accipienda sunt. [...] sed iudicium de eorum genuinitate et ordinato exercitio ad eos pertinet, qui in Ecclesia praesunt, et quibus speciatim competit, non Spiritum extinguere, sed omnia probare et quod bonum est tenere (cf *I Thess* 5,12 et 19-21)” (*Lumen gentium*, n. 12).

21) Cf. A. GEORGE; P. GRELOT, in *Vocabulario de Teologia Bíblica*. Petrópolis 2009, p. 126.

ministério ou função na Igreja, com o objetivo de dar o poder e a graça para corresponder à própria vocação e para ser útil à comunidade, a fim de que seja edificado o Corpo de Cristo.

Procurar-se-á, a seguir, explicitar a essência do carisma concedido pelo Espírito Santo a um novo movimento: os Arautos do Evangelho, primeira associação aprovada pela Santa Sé no terceiro milênio. Como tema correlato, versar-se-á sobre a sua finalidade e espiritualidade, ou seja, no que consiste, considerando o panorama católico dos dias atuais, essa novidade suscitada pelo Espírito Santo, o Qual é sempre insondável, inesgotável e, tantas vezes surpreendente em suas divinas ações: “o Espírito sopra onde quer”.²²

1. Um novo carisma a serviço da Igreja

1.1. Uma visão simbólica do universo: a beleza e a perfeição

Os carismas são dons concedidos pelo Paráclito “ordenados à edificação da Igreja, ao bem comum dos homens e às necessidades do mundo”.²³ No caso do carisma dos Arautos do Evangelho, parte ele de uma peculiar visão simbólica de Deus e da ordem do universo, incluindo desde os seres materiais até os espirituais, em que se discerne em tudo algum reflexo do Criador, ressaltados os aspectos da beleza. E, como consequência, nos atos da vida, no seu modo de ser e agir, procuram os Arautos a perfeição através da pulcritude, para cumprir o mandamento de Nosso Senhor: “Sede perfeitos, como vosso Pai do Céu é perfeito”.²⁴

Comentando essa ousada meta apresentada pelo Divino Mestre, o Papa João Paulo II afirmou:

Como explicou o Concílio, este ideal de requinte não deve ser objeto de equívoco vendo-se nele um caminho extraordinário, possível apenas a algum ‘gênio’ da santidade. [...] É hora de propor de novo a todos, com convicção, esta ‘medida alta’ da vida cristã ordinária: toda a vida da comunidade eclesial e das famílias cristãs deve apontar nesta direção.²⁵

22) Jo 3, 8.

23) “Ad Ecclesiae ordinantur aedificationem, ad hominum bonum et ad mundi necessitates” (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 799).

24) Mt 5, 48.

25) “Quem ad modum explicavit Concilium ipsum, optima haec perfectionis species non ita est iudicanda quasi si genus quoddam secum importet vitae extraordinariae quam soli aliqui sanctitatis ‘gigan-

A glória de Deus é o fim último de todas as coisas. E compete, sobretudo, aos seres inteligentes, mediante o reto uso de seu livre-arbítrio, oferecer um louvor voluntário a seu Senhor, correspondendo à sua bondade. A beleza divina, que os Arautos do Evangelho procuram espelhar em seu pensamento, atitudes e apostolado, permite levar ao mundo um admirável testemunho e exemplo desta santidade.²⁶

Em sua infinita munificência criadora, Deus poderia ter realizado todas e cada uma das coisas no seu mais alto grau de perfeição. Não procedeu Ele desta maneira, talvez porque desejasse o concurso humano para o embelezamento da obra da criação. Nesse sentido, cantava Dante serem as obras de arte netas de Deus.²⁷ Competiria, portanto, a uma Civilização segundo o espírito do Evangelho tornar a terra tanto quanto possível semelhante ao Céu.

Ora, o Livro do Gênesis nos apresenta o relato da triste queda de Adão e Eva no Paraíso, com a qual perderam o mais íntimo, estreito e direto contato que tinham com o Senhor. Daí por diante prevaleceu na criatura decaída a tendência de fixar seu olhar e suas cogitações mais na terra que no Céu.

Face a essa debilidade, o carisma dos Arautos do Evangelho visa proporcionar à sociedade todos os meios para que, sustentada pela graça, volte àquela imitação primeira através da consideração do belo. Restaura-se, assim, na medida em que o permitem as contingências deste vale de lágrimas, o relacionamento paradisíaco outrora perdido.

Este dom, concedido à instituição, revela-se tão autêntico quanto eficaz ao se desabrochar em jovens vocacionados, nos quais desde logo se nota enorme apetência para realizar suas orações, trabalhos e demais atividades, visando refletir do melhor modo a beleza que é Deus.

Levando em consideração que o *pulchrum* é, na ordem criada, o esplendor de todos os transcendentais reunidos,²⁸ sua importância é fundamental,

tes'. [...] Omnibus ergo tempus est iterum firmiter hunc proponere 'superiorem modum' ordinariae vitae christianae: ad hanc namque metam conducere debet omnis vita ecclesialis communitatis ac familiarum christianarum" (*Novo millennio ineunte*, 31).

26) Cf. *Lumen gentium*, 39.

27) "Si che vostr' arte a Dio quasi è nipote" (cf. D. ALIGHIERI, *La divina commedia*: Inferno, canto XI, v. 105. In: *A divina comédia*: Inferno. Trad. Italo Eugenio Mauro [Ed. bilíngue]. São Paulo: Ed. 34, 1998, p. 89).

28) "La Beauté divine, c'est la splendeur de toutes les perfections harmonisée, comme le beau, dans l'ordre créé est la splendeur de tous les transcendants réunis, de l'être, de l'un du vrai et du bien, ou, plus particulièrement, l'éclat d'une harmonieuse unité de proportion dans l'intégrité des parties" (R. GARRIGOU-LAGRANGE, *Perfections Divines*, Paris 1936, p. 299).

uma vez que através de suas manifestações o homem mais facilmente chega a Deus.

É o que ensinava o Bem-aventurado João Paulo II:

A beleza, que transmitireis às gerações futuras, seja tal que aive nelas o maravilhamento. Diante da sacralidade da vida e do ser humano, diante das maravilhas do universo, o maravilhamento é a única atitude condigna. De tal maravilhamento poderá brotar aquele entusiasmo de que fala Norwid na poesia, a que me referi ao início. Os homens de hoje e de amanhã têm necessidade deste entusiasmo, para enfrentar e vencer os desafios cruciais que se prefiguram no horizonte.²⁹

Evidentemente esse carisma tem seus pressupostos, ou, melhor dizendo, possui seus fundamentos sobre os quais se ergue. Entre eles os mais importantes seriam a magnanimidade, o senso de hierarquia, a procura do Absoluto e a inocência batismal. Cada um desses termos tem um sentido profundo, e todos contribuem para a formação de um novo tipo humano no horizonte católico. Será analisado a seguir cada um deles.

1.2. Grandeza - magnanimidade

Como visto, o *pulchrum* é um excelente meio de se atingir a perfeição, segundo o carisma dos Arautos do Evangelho. Considerando que a beleza atinge a plenitude quando ela encontra, abraça e oscula a grandeza, faz parte de tal carisma apresentar os aspectos afins a esta virtude, não só em Deus, mas em toda a obra da criação.

Ao se discorrer sobre a grandeza, a fim de tornar compreensível este carisma específico além de vê-la como uma virtude, será ela focalizada enquanto um modo de ser das virtudes; tal como se passa com o pedal do piano que, ao ser acionado, amplia o som de todas as notas, assim age a grandeza sobre todas as virtudes tonificando as cores e acentuando as características delas.

Segundo a linguagem teológica, a virtude correspondente ao que aqui se denomina de grandeza, é a magnanimidade. Auxiliar da fortaleza, costuma

29) “Puisse la beauté que vous transmettez aux générations de demain être telle qu’elle suscite en elles l’émerveillement! Devant le caractère sacré de la vie et de l’être humain, devant les merveilles de l’univers, l’unique attitude adéquate est celle de l’émerveillement. De cet émerveillement pourra surgir l’enthousiasme dont parle Norwid dans la poésie à laquelle je me référais au début. Les hommes d’aujourd’hui et de demain ont besoin de cet enthousiasme pour affronter et dépasser les défis cruciaux qui pointent à l’horizon”. (*Lettre aux artistes [Carta aos artistas]*, 16 in AAS 91, 1999, p. 1171).

ela ser designada também por nobreza de caráter. É uma virtude que aperfeiçoa as demais, levando o homem a praticá-las de forma esplêndida ou eminente; é o ornato e o esplendor das demais virtudes, tornando-as fulgurantes. Em outros termos, pode-se afirmar ser ela o oposto da mediocridade.

Nas narrações dos Evangelhos, resplandece em sumo grau na Pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo. O Divino Mestre não formula um só dito que não seja sublime, não toma uma só atitude que não seja esplendorosa; Ele é, em tudo, majestoso e afabilíssimo, a própria substância da magnanimidade.

Fr. Antonio Royo Marín assim a define: “É uma virtude que inclina a empreender obras grandes, esplêndidas e dignas de honra, em todo gênero de virtudes”.³⁰

Dir-se-ia, talvez, ser esta virtude contrária à humildade, ou ao menos incompatível com ela. Entretanto, na realidade são dependentes uma da outra, assim como da confiança, como bem explica Rodríguez na introdução ao *Tratado da Fortaleza*, da *Suma Teológica* de São Tomás. Sua explanação descreve com muito acerto o perfil ideal de como deve ser um Arauto do Evangelho:

O magnânimo é verdadeiramente humilde no exercício das obras grandes, e tanto mais magnânimo quanto mais humilde, sobretudo na ordem das virtudes infusas. E é porque assim como o magnânimo aspira retamente à grandeza e ao que é digno de honra, confiando nos dons e forças recebidas de Deus, ao ser humilde tem consciência de suas deficiências e incapacidades e teme não fazer o bem que deve, não se exalta, mas se confia à misericórdia e ao poder de Deus [...] Esta conjunção de magnanimidade e humildade está bem patente no *Magnificat* da Santíssima Virgem: ‘Exulta de júbilo Meu espírito em Deus meu Salvador, porque olhou a humildade de sua serva; porque fez em mim maravilhas o Poderoso’ (Lc 1, 47-49).

Ramírez sintetiza as características do magnânimo apontadas por São Tomás neste tratado: ‘Possui uma alma verdadeiramente grande. Por isso não se satisfaz com as bagatelas humanas. Não é interesseiro, mas dádivo; não é vingativo, mas clemente; não é invejoso, mas caritativo; não é falador, mas tendente ao taciturno, embora afável; não é precipitado, mas calmo e ordenado, *cunctator*; não é melancólico, mas discretamente alegre. Não se queixa de nada, nem de ninguém. É um verdadeiro cavalheiro, como o podia ser o Cid Campeador’.³¹

30) “Es una virtud que inclina a acometer obras grandes, espléndidas y dignas de honor en todo género de virtudes” (A. ROYO MARÍN, *Teología Moral para seglares*, vol. I, Madrid 1996, p. 430).

31) “El magnánimo es verdaderamente humilde en el ejercicio de las obras grandes, y más magnánimo cuanto más humilde, sobre todo en el orden de las virtudes infusas. Y es porque, así como el magnánimo aspira rectamente a lo grande y digno de honor, confiando en los dones y fuerzas recibidas de Dios,

Se tal é a magnanimidade, sua consequência chama-se magnificência, que o Doutor Angélico apresenta de maneira elucidativa:

À magnificência cabe não apenas fazer grande segundo o sentido próprio do verbo fazer, mas também tender no espírito a fazer grande, como explica Aristóteles no IV livro sobre a Ética. É por isso que Cícero define a magnificência nos seguintes termos: ‘concepção e gestão de grandes e sublimes coisas, com uma intenção de espírito vasta e brilhante’. O termo concepção se refere à intenção interior, e gestão, à execução. Como a magnanimidade visa algo de grande em qualquer matéria, a magnificência visa a grandeza na obra a ser produzida.

[...] E a magnificência faz principalmente obras grandes dirigidas para a honra de Deus. E é por isso que Aristóteles no IV livro sobre a Ética acrescenta: ‘Os gastos mais louváveis são aqueles que acompanham os sacrifícios oferecidos a Deus, e são, aliás, os que o magnificante mais pratica’. É por esta razão que a magnificência se une à santidade, uma vez que seu efeito se ordena principalmente para a religião, ou para a santidade.³²

As obras de evangelização dos Arautos do Evangelho, dada a sua amplitude, exigem grandes empreendimentos e proporcionados meios de ação, pelo

al ser humilde tiene conciencia de sus deficiencias e incapacidades y teme no hacer el bien que debe, y no se exalta, sino que se confia a la misericordia y poder de Dios [...] Esta conjunción de magnanimidad y humildad está bien patente en el Magnificat de la Santísima Virgen: ‘Exulta de júbilo mi espíritu en Dios mi Salvador, porque ha mirado la humildad de su sierva; porque ha hecho en mí maravillas el Poderoso’ (Lc 1, 47-49).

Ramírez sintetiza las características del magnánimo apuntadas por Santo Tomás en este tratado: ‘Posee un alma verdaderamente grande. Por eso no se llena con las bagatelas humanas. No es interesado, sino dadivoso; no es vengativo, sino clemente; no envidioso, sino caritativo; no hablador, sino más bien taciturno, aunque afable; no precipitado, sino calmo y ordenado, cunctator; no melancólico, sino discretamente alegre. No se queja de nada ni de nadie. Es todo un caballero, como pudiera serlo el Cid Campeador’” (V. RODRÍGUEZ Y RODRÍGUEZ, in *Introducción a las Cuestiones 123-140 de la Suma de Teología*, Madrid 2000, p. 310-312).

32) “Ad magnanimitatem pertinet non solum tendere in magnum, sed etiam in omnibus virtutibus magnum operari, vel faciendo vel qualitercumque agendo, ut dicitur in IV Ethic., ita tamen quod magnanimitas circa hoc respicit solum rationem magni. Aliae autem virtutes, quae, si sint perfectae, magnum operantur, non principaliter dirigunt intentionem suam ad magnum, sed ad id quod est proprium unicuique virtuti, magnitudo autem consequitur ex quantitate virtutis. Ad magnificentiam vero pertinet non solum facere magnum secundum quod facere proprie sumitur, sed etiam ad magnum faciendum tendere animo, unde Tullius dicit, in sua rhetorica, quod magnificentia est rerum magnarum et excelsarum, cum animi quadam ampla et splendida propositione, cogitatio atque administratio; ut cogitatio referatur ad interiorem intentionem, administratio ad exteriorem executionem. Unde oportet quod sicut magnanimitas intendit aliquod magnum in omni materia, ita magnificentia in aliquo opere factibili.

[...] Et ideo magnificentia praecipue magnum opus facit in ordine ad honorem Dei. Unde philosophus dicit, in IV Ethic., quod honorabiles sumptus sunt maxime qui pertinent ad divina sacrificia, et circa hoc maxime studet magnificus. Et ideo magnificentia coniungitur sanctitati, quia praecipue eius effectus ad religionem, sive ad sanctitatem, ordinatur” (S. Th., II-II, q. 134, a. 2, ad 2 et 3).

que seus membros têm de estar sempre na perspectiva de praticar esta virtude, não se deixando intimidar pela magnitude do trabalho a desenvolver, nem pelos recursos requeridos, mas, muito pelo contrário, enchendo-se de confiança no auxílio da graça.

Sobretudo o culto divino — a mais alta atividade humana — demanda grandes projetos, na perspectiva dos Arautos do Evangelho. Para que ele se revista de esplendor e pulcritude, é preciso, ou pelo menos é muito conveniente, dispor na medida do possível de templos grandiosos, ornados com beleza. O mesmo se diga de tudo quanto toca às alfaías litúrgicas, desde os objetos mais simples e discretos até os mais visíveis. Na sua vida diária, os Arautos comprovam o quanto é através do ambiente criado em torno do altar que a alma mais facilmente compreende o sagrado da liturgia e se eleva à contemplação de Deus.

A experiência evangelizadora de décadas, sobretudo entre os jovens, acabou por confirmar a eficaz capacidade de atração dessa virtude. Frequentemente generosos por natureza, tendem eles a entregar-se aos grandes ideais, a realizar atos de renúncia para alcançar nobres objetivos. Se o ideal de santidade não é apresentado com grandeza, exigindo opções categóricas, os jovens não se entusiasмам, a ele não aderem e nem o seguem. Talvez aqui se encontre a razão do fracasso de algumas iniciativas evangelizadoras nos dias atuais: o fato de apresentarem objetivos medianos, ou até medíocres, que não atraíam os melhores. Pelo contrário, as metas devem ser ousadas, para de alguma maneira estar na proporção do ideal de santidade a que os Arautos se propõem.

Eis um dos pontos salientes na atuação dos Arautos, em seus projetos de evangelização.

1.3. Senso de hierarquia

Esse arraigado amor à perfeição, que leva à magnanimidade, propicia também o fortalecimento do senso de hierarquia, de relevante papel no carisma dos Arautos. Assim sendo, torna-se conveniente discorrer sobre a substância desse senso.

Com efeito, a hierarquização harmônica dos seres apresenta um *dégradé* na criação, de que as almas têm necessidade para mais facilmente chegar a Deus. Nessa perspectiva, a consideração do *pulchrum* no universo pressupõe haver uma gradação na perfeição dos seres, manifestando a variedade na unidade, e a unidade na variedade.

Ora, para tal, necessárias são a multiplicidade e a diversidade das criaturas, como afirma São Tomás de Aquino:

Como uma única criatura não seria capaz de representá-la [a bondade divina] suficientemente, Ele produziu criaturas múltiplas e diversas, a fim de que o que falta a uma para representar a bondade divina seja suprido por outra. [...] Consequentemente, o universo inteiro participa da bondade divina e a representa mais perfeitamente que uma criatura, qualquer que seja ela.³³

Além de múltiplas e diversas, devem as criaturas também estar hierarquizadas, cada qual representando um grau de participação do Infinito Divino. É o que ensina o mesmo Santo Doutor na *Suma contra os Gentios*: “Por conseguinte, não deveria faltar o bem da ordem na obra de Deus. Mas este bem não poderia existir, sem a diversidade e desigualdade das criaturas”.³⁴

Vê-se assim o papel da multiplicidade, da diversidade e da hierarquia para Deus Se tornar cognoscível ao homem nesta forma de contemplação do Criador nas criaturas, característica do carisma dos Arautos que pervade todas as suas atividades, pensamento e modos de ser.

Essa é a razão pela qual o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira considerava importante para a formação religiosa dos fiéis, especialmente no tocante ao Primeiro Mandamento, a compreensão do papel das justas e harmônicas desigualdades no universo:

Um universo de criaturas iguais seria um mundo em que se teria eliminado em toda a medida do possível a semelhança entre criaturas e Criador. Odiar, em princípio, toda e qualquer desigualdade é, pois, colocar-se metafisicamente contra os melhores elementos de semelhança entre o Criador e a criação, é odiar a Deus. [...] Um dos pontos muito importantes [...] é, pois, ensinar o amor à desigualdade vista no plano metafísico, ao princípio de autoridade, e também à lei moral e à pureza; porque exatamente o orgulho, a revolta e a impureza são os fatores que mais impulsionam os homens na senda da Revolução.³⁵

33) “Et quia per unam creaturam sufficienter repraesentari non potest, produxit multas creaturas et diversas, ut quod deest uni ad repraesentandam divinam bonitatem, suppleatur ex alia. [...] Unde perfectius participat divinam bonitatem, et repraesentat eam, totum universum, quam alia quaecumque creatura” (S. Th., I, q. 47, a. 1, co., Trad. Ed. Loyola, vol. 2, 2005, p. 78).

34) “Non debuit ergo bonum ordinis operi Dei deesse. Hoc autem bonum esse non posset, si diversitas et inaequalitas creaturarum non fuisset” (SCG, lib. 2, cap. 45, n. 8).

35) P. CORRÊA DE OLIVEIRA, *Revolução e Contra-revolução*, São Paulo 2002, p. 71 e 129. Por *Revolução* o autor entende o movimento que deu origem às três grandes crises do Ocidente cristão: o Protestantismo, a Revolução Francesa e o Comunismo. Suas molas propulsoras são o orgulho e a sensualidade. Da

No entanto, vale lembrar que a existência de uma proporcionada e harmônica desigualdade entre os homens não anula a sua igualdade essencial de origem e natureza, como ensina o Catecismo da Igreja Católica.³⁶

1.4. A procura do Absoluto

Tendo visto como, pela busca do *pulchrum*, tende-se à perfeição, com magnanimidade e senso de hierarquia compreende-se melhor essa contemplação das criaturas rumo ao que é mais elevado, que, por herança do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira, na instituição dos Arautos se designa por *procura do Absoluto*, e em linguagem escolástica chama-se desejo natural de Deus.

É de primordial importância para os Arautos do Evangelho conservarem-se numa correta impostação de espírito na consideração da criação, pois essa prática favorece os bons frutos de sua catequese e da formação cristã a ser ministrada a outros. Assim, um Arauto deve ser educado na escola da *procura do Absoluto*, a fim de acreditar nos conteúdos da fé de maneira quase conatural. Saber que Deus, por ele tão almejado, revelou-Se misericordiosamente, produz-lhe um grande gáudio interior, levando-o a excluir com Jeremias: “Achei a tua palavra, e alimentei-me com ela; e a tua palavra foi para mim o prazer e a alegria do meu coração”.³⁷ Ou seja, esta forma de conhecimento natural, se bem que inferior ao obtido através da fé, constitui, todavia, um pressuposto para acolher a Divina Revelação.³⁸

Ademais, é consolador para um Arauto comprovar o quanto essa *procura do Absoluto* está fundamentada na doutrina consagrada da Igreja — formulada claramente na Constituição Dogmática *Dei Filius* do Concílio Vaticano I, e confirmada pela Constituição Dogmática *Dei Verbum* do Concílio Vaticano II — segundo a qual, por ter sido o homem criado à imagem e semelhança de Deus,³⁹ tem capacidade natural de contemplá-Lo a partir das criaturas. O Catecismo explica, ainda, a função simbólica da Criação, a qual é o objeto dessa *procura do Absoluto*:

exacerbação dessas duas paixões resulta a tendência a abolir toda legítima desigualdade e todo o freio moral.

36) Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, nn. 1934-1935.

37) Jr 15, 16.

38) Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 36.

39) Cf. Gn 1, 26-27.

As criaturas, todas elas, trazem em si certa semelhança com Deus, muito particularmente o homem criado à imagem e à semelhança de Deus. Por isso as múltiplas perfeições das criaturas (sua verdade, bondade e beleza) refletem a perfeição infinita de Deus. Em razão disso podemos falar de Deus a partir das perfeições de suas criaturas, ‘pois a grandeza e a beleza das criaturas fazem, por analogia, contemplar seu Autor’ (Sb 13, 5).⁴⁰

Por ter feito Deus todas as coisas com sabedoria, deixou sua divina marca nas inumeráveis obras de suas mãos. E, assim como pode o perito em arte reconhecer o autor de um quadro ou de uma composição musical pelo seu característico e inconfundível estilo, também um Arauto, sedento de Deus, encontrá-Lo-á ao contemplar a harmonia, a perfeição e a beleza do universo.

Esta contemplação admirativa e amorosa da ordem do universo — própria do carisma dos Arautos — era das notas mais salientes da vida espiritual do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira, e, ao mesmo tempo, um elemento central de seu apostolado. Constituía um dos seus temas preferidos, a respeito do qual costumava discorrer com frequência tanto privadamente como em conferências públicas, e que acabou por muito influenciar a formação e as explicitações do fundador dos Arautos:

Há outro aspecto do universo relacionado com Deus, enquanto causa exemplar, enquanto Ser incriado e infinitamente belo, que Se reflete de mil maneiras em todos os outros seres que Ele criou. Não há nenhum ser que, a um título ou outro, não seja um reflexo da beleza incriada de Deus.

Mas, sobretudo, a beleza de Deus se reflete no conjunto hierárquico e harmônico de todos esses seres, de tal maneira que não há, em certo sentido, um modo melhor de conhecermos a beleza infinita e incriada de Deus, do que analisando a beleza finita e criada do universo, considerado não tanto em cada ser, mas no conjunto de todos eles.⁴¹

Há na criação, entretanto, uma obra por excelência que o Arauto, como todo fiel, deve considerar com um amor que toca quase na adoração: a Santa Igreja Católica, Apostólica e Romana. Nela se reflete de modo ainda mais

40) “Omnes creaturae quandam cum Deo prae se ferunt similitudinem, singulariter autem homo ad Dei imaginem et similitudinem creatus. Multiplices creaturarum perfectiones (earum veritas, bonitas, pulchritudo) Dei perfectionem reverberant infinitam. Hac de causa, Deum valemus nominare ab Eius creaturarum procedentes perfectionibus, ‘a magnitudine enim et pulchritudine creaturarum cognoscibiliter potest Creator horum videri (Sap 13, 5)’ ” (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 41).

41) P. CORRÊA DE OLIVEIRA, *O Escapulário, a profissão e a consagração interior*, in *Mensageiro do Carmelo*. São Paulo, 1959, ano 47, ed. especial, p. 58-65.

perfeito a beleza infinita de Deus. No mesmo discurso acima citado, o insigne pensador católico assim discorria sobre a Santa Igreja como obra-prima do Criador.

Deus Se reflete, ainda, em uma obra-prima mais alta e mais perfeita do que o Cosmos. É o Corpo Místico de Cristo, a sociedade sobrenatural que veneramos com o nome de Santa Igreja Católica Apostólica e Romana. Constitui Ela mesma, todo um universo de aspectos harmônicos e variegados, que cantam e refletem, cada qual a seu modo, a formosura santa e inefável de Deus e do Verbo Encarnado.

Na contemplação, de um lado, do universo e, de outro, da Santa Igreja Católica, podemos elevar-nos à consideração da beleza santa, infinita e incrida de Deus.⁴²

Para completarmos o conceito de *procura do Absoluto*, nada melhor do que uma oração composta pelo Prof. Plínio Corrêa de Oliveira, na qual, em forma de súplica, exprime ele a essência dessa escola de contemplação:

Ó Maria, Esposa Imaculada do Espírito Santo, dai-me a graça de perceber os imponderáveis da criação material, de me enlevar por eles, e de ser impelido assim, por um amor desinteressado, à contemplação das perfeições que a alma humana possui pela natureza e pela graça.

Fazei-me subir dessa consideração à da natureza angélica, puramente espiritual, e, por fim, à de Vosso Divino Filho, o Qual, na sua Humanidade Santíssima, é o ápice e a síntese de toda a criação.

Fazei-me, em seguida, por um voo ainda mais possante de desinteresse e enlevo, fixar a minha mente na consideração da própria essência divina, da qual toda a criação é imagem ou semelhança. De maneira que, voltando daí a analisar as criaturas, possa antegozar o Céu, preparando-me assim para nele entrar e Vos louvar por toda a eternidade. Assim seja.⁴³

1.5. Inocência e procura do Absoluto

Como elementos constitutivos do carisma dos Arautos, a magnanimidade, o senso de hierarquia e a *procura do Absoluto* desempenham importante papel na preservação ou restauração da inocência batismal nas almas, a qual dá uma visão dos aspectos maravilhosos e arquetipizados da vida por onde a

42) *L. cit.*

43) *Conferência: P. CORRÊA DE OLIVEIRA, Oração sobre a Quarta Via de São Tomás, São Paulo 1970.*

pessoa goza de especial relacionamento com o sobrenatural. Eis um fundamental elemento desse carisma: buscar através de todos os meios a conservação ou restauração desse dom de Deus, a inocência batismal.

Com efeito, pelo fato de não ter sido deformada pelas sequelas do pecado atual, a alma inocente mais próxima se encontra do estado paradisíaco; nele, o primeiro homem gozava de intenso convívio com Deus, o Qual passeava no jardim do Éden “à hora da brisa da tarde”.⁴⁴

Garrigou-Lagrange nos esclarece a respeito:

Esta elevação é inclusive um movimento espontâneo da inteligência da criança, quando, por exemplo, contempla o firmamento e as estrelas. Ela não demora em compreender que ‘os céus narram a glória de Deus’, segundo a expressão do salmista (Sl 18, 2). [...] O primeiro olhar da inteligência sobre o céu estrelado conduz a Deus e faz vislumbrar sua grandeza.⁴⁵

Segundo a convicção dos Arautos do Evangelho, essa facilidade de relacionamento com Deus é precioso tesouro que a alma deveria conservar e apri-morar ao longo de toda a vida. Simbologia, aliás, da veste branca recebida no Batismo, que o fiel deve levar imaculada até à morte. Tão importante é essa qualidade que o próprio Jesus a apresenta a seus discípulos como condição para a salvação: “Em verdade vos declaro: se não vos transformardes e vos tornardes como criancinhas, não entrareis no Reino dos Céus”.⁴⁶ E mais adiante acrescenta: “Guardai-vos de menosprezar um só destes pequenos, porque Eu vos digo que seus anjos no Céu contemplam sem cessar a face de Meu Pai que está nos Céus”.⁴⁷

Infelizmente, poucas são as almas que conservam a inocência batismal por toda a vida. Aos efeitos do pecado original, que introduziu na natureza humana a desordem e o germe da morte, somam-se as consequências dos pecados atuais, enfraquecendo a vontade, obscurecendo a inteligência e exacerbando as más paixões, o que torna penosa a via da santificação.

44) Gn 3, 8.

45) “Cette élévation est même un mouvement spontané de l’intelligence de l’enfant, lorsque par exemple il contemple le firmament et les étoiles. Il ne tarde pas à saisir que les cieus racontent la gloire de Dieu, selon l’expression du Psalmiste (Ps. XVIII, 2). [...] La première vue de l’intelligence sur le ciel étoilé conduit à Dieu et fait entrevoir sa grandeur”. (R. GARRIGOU-LAGRANGE. *Le Sens Commun: La philosophie de l’être et les formules dogmatiques*. 4^a. Ed. Paris: Desclée de Brouwer, 1936, p. 406.

46) Mt 18, 3.

47) Mt 18, 10.

Para quem deseja trilhar essa via da *procura do Absoluto*, tão amada pelos Arautos, após haver perdido a inocência primeva não bastará apenas fazer penitência para reparar os pecados cometidos. Para entrar no Reino dos Céus é preciso esforçar-se por restaurar a inocência perdida. É esse o sentido do ensinamento do Divino Mestre: o Reino dos Céus é daqueles que se assemelham aos pequeninos; quem não receber o Reino de Deus com a mentalidade de uma criança, nele não entrará.⁴⁸ E isso só se poderá obter por uma especial ação da graça, pela intercessão de Maria — a criatura inocente por excelência, a Imaculada.

A inocência não consiste apenas na ausência de pecados atuais. Pela força renovadora do Sacramento do Batismo — em virtude d’Aquele que, por sua obediência, torna justos os pecadores, fazendo superabundar a graça onde abundou o pecado⁴⁹ —, ela é um verdadeiro paraíso espiritual, onde a alma inundada de gáudios parece entrever já a futura glória do Céu.

1.6. A inocência na história de uma alma

Para elucidar este ponto fundamental do carisma dos Arautos, são muito úteis as memórias do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira. Ao narrar as impressões do primeiro período de sua vida, deixa ele transparecer o reluzimento da inocência infantil, acompanhado de grandes consolações espirituais:

Eu fui um menino enormemente feliz! Profundamente feliz! Quase angelicamente feliz! Que alegria áurea e tranquila eu carregava em minha alma, na primeira infância! Que bem-estar e que louçania eu sentia dentro de mim! Eu me sentia penetrado por uma luz prateada e juvenil, e possuía a segurança de que ela me acompanharia sempre, apesar das dificuldades da vida, cuja existência eu percebia confusamente.

Como eram essas alegrias?

Era, em primeiro lugar, sem saber explicitá-lo, a satisfação por minha própria inocência. Eu desfrutava calmamente todo o proveito que uma criança inocente pode ter na vida, o que me fazia palpitar de contentamento.

Por outro lado, Nossa Senhora me ajudava a ver o que a vida tinha de bom e direito. Entretanto, pela ordenação com que a graça punha isso na minha alma, a fonte principal dessa felicidade não era propriamente tal coisa ou tal outra, mas sim notar serem elas, no fundo, santas. Isso me trazia muitas

48) Cf. Mt 10, 14-20.

49) Rm 5, 19-20.

consolações espirituais, não tanto por pensar no Céu, mas pelo nexos daquelas coisas com ele e por vê-lo refletido nelas.

Assim, na vida de todos os dias, eu tinha cem gáudios! Literalmente, vibrava de felicidade!⁵⁰

Em grau maior ou menor há um determinado período da vida no qual todos os homens tiveram algo dessas graças sensíveis em que experimentaram uma atmosfera celestial, verdadeiramente angélica. Poderoso instrumento de afevoramento espiritual é a recordação enlevada dessas graças de outrora, alimentando as saudades delas e fortalecendo a esperança da volta desse estado de alma primaveril em que a criança inocente convive quase sensivelmente com o sobrenatural, à semelhança de Adão que conversava com Deus no Paraíso.

Por isso, no âmbito da formação dos Arautos se privilegia tudo o que favorece essa inocência, essa tendência contínua da alma para o mais elevado, a qual deveria perdurar por toda a vida, como descreve o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira:

Tenho a vaga impressão de que, no primeiro período da infância, minha inocência cresceu com a idade, em vez de diminuir.

Como se manifestava essa inocência? Era um *lumen* [luz] no ver a realidade pelo qual eu não considerava a vida propriamente linda, mas, sem saber explicitar bem, parecia-me que ela simbolizava lindas coisas, que davam acesso a um mundo superior, o qual também não sabia definir e não relacionava com o Céu, mas me aproximava dele. Isso eu via reluzir magnificamente, por analogia simbólica, em toda espécie de ocasiões. [...]

Era no fundo, uma ideia do Céu e uma impressão de que, passando sucessivamente por paraísos imaginários em várias tônicas diferentes, eu acabaria dando uma volta na qual meu ser inteiro se sentiria saciado e chegaria a uma síntese eterna e definitiva. Não era um mundo de sonhos ou de utopias, mas o conjunto da ordem universal que vinha se apresentando cômoda e gradualmente a meu espírito. Nem era mera fruição dos sentidos, mas o desejo de algo mais perfeito, dentro desse mundo. Eu tendia a não me contentar com nada, indo de elevação em elevação, até chegar ao Absoluto.

Era, portanto, uma tendência para o amor a Deus; uma graça inicial, para criança, que depois se desenvolveria com o maturar gradual da inteligência.⁵¹

50) P. CORRÊA DE OLIVEIRA, *Notas autobiográficas*, São Paulo 2008, p. 217.

51) *Ibid.*, p. 79-81.

Vê-se assim como a busca do belo em todas as coisas, característica do carisma dos Arautos do Evangelho, é muito consonante com a visão do universo própria ao inocente, que se utiliza do *pulchrum* como uma lente através da qual apreende os outros transcendentais, e de uma forma intuitiva chega até Deus. O belo fala por si, dispensando argumentação.

O homem sente em seu interior um enorme anseio de manter-se inocente — ou de retornar a sê-lo —, pois este tem a tendência a considerar toda a realidade envolta num véu maravilhoso, em que tudo é visto de maneira arquetipizada. Pode-se, então, dizer que a inocência vive à *procura do Absoluto*.

Infelizmente, no estado de prova em que o homem se encontra, essa visualização maravilhosa pode se desfazer no confronto com a realidade concreta e palpável, e tantas vezes prosaica, sendo substituída pelo egoísmo. Se isto acontecer, diminuirá progressivamente sua capacidade de transcender até Deus:

Acontece com frequência que, em seguida, esse primeiro olhar se obscurece, quando se detém demasiadamente na multiplicidade das coisas e em suas particularidades.⁵²

A fim de pedir a restauração desse estado de inocência, fundamental para o pleno desenvolvimento da vida espiritual, o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira compôs uma oração que ficou conhecida entre seus seguidores como a “Oração da Restauração”. Até hoje é ela rezada habitualmente entre os Arautos, para pedir essa inestimável graça.

Há momentos, minha Mãe, em que minha alma se sente, no que tem de mais fundo, tocada por uma saudade indizível. Tenho saudades da época em que eu Vos amava, e Vós me amáveis, na atmosfera primaveril de minha vida espiritual. Tenho saudades de Vós, Senhora, e do paraíso que punha em mim a grande comunicação que tinha convosco. Não tendes também Vós, Senhora, saudades desse tempo? Não tendes saudades da bondade que havia naquele filho que fui? Vinde, pois, ó melhor de todas as mães, e por amor ao que desabrochava em mim, restaurai-me: recomponde em mim o amor a Vós, e fazei de mim a plena realização daquele filho sem mancha que eu teria sido, se não fosse tanta miséria. Dai-me, ó Mãe, um coração arrependido e humilhado, e fazei luzir novamente aos meus olhos aquilo que, pelo

52) “Il arrive souvent qu’ensuite ce premier regard s’obscurcit, lorsqu’il s’arrête trop à la multiplicité des choses et à leurs détails”. (R. GARRIGOU-LAGRANGE. *Le Sens Commun: La philosophie de l'être et les formules dogmatiques*. 4ª. Ed. Paris: Desclée de Brouwer, 1936, p. 406.

esplendor de Vossa graça, eu começara a amar tanto e tanto!... Lembrai-Vos, Senhora, deste Davi e de toda a doçura que nele púnheis. Assim seja.⁵³

Se o auxílio da graça divina é indispensável para a restauração da inocência, certos fatores naturais podem também constituir valioso contributo para se alcançar tão alto objetivo. Nesse sentido, pode-se dizer que a formação dada aos Arautos está voltada em boa medida para esse fim. O ambiente de pureza, elevação de espírito e leveza que constantemente se procura criar na instituição é um permanente estímulo a trilhar as vias da inocência. Por outro lado, na formação procura-se acentuar de maneira viva a distinção entre bem e mal, verdade e erro, belo e feio, de modo a restaurar na alma a integridade dos primeiros princípios, ou seja, as noções de *verum*, *bonum* e *pulchrum*, condição básica do estado de inocência.

Do ponto de vista sobrenatural, a perseverança no estado de graça e a crescente aspiração à perfeição são os melhores meios para se obter a restauração da inocência, a qual não é distinta do que habitualmente se designa santidade.

Empenham-se os Arautos, portanto, na preservação dessa inocência batismal, ou em sua restauração, como chave de todo o processo de formação desde o início do aspirantado.

1.7. O tipo humano, personificação do carisma

A doutrina pode dar sólidas convicções a uma pessoa, mas, sem dúvida, é o exemplo que atrai, que arrasta, que leva à imitação. Disso o Divino Mestre é celeste modelo: em sua vida terrena, não escreveu Ele nenhum compêndio filosófico ou teológico, mas proclamou a todos os homens: “Eu sou o Caminho, a Verdade, a Vida”.⁵⁴

Portanto, todas as características do carisma dos Arautos do Evangelho vistas até aqui seriam vãs caso não resultassem na constituição de um tipo humano. Importância fundamental tem, pois, o tipo humano do Arauto aos próprios olhos de seus irmãos de vocação, ou face à opinião pública. É ele chamado a personificar esse carisma em modos de ser, de pensar, de querer, de agir e de rezar.

Na figura do Arauto, logo sobressai o característico hábito. É este, sem dúvida, uma das mais pulcras expressões de seu carisma. Marcado pela bela cruz de alto a baixo, em toda a extensão do escapulário, esse hábito bem

53) P. CORRÊA DE OLIVEIRA, *A Oração da Restauração*, in *Dr. Plínio* 82 (2005), p. 11.

54) Jo 14, 6.

representa a ufania da catolicidade em meio a um mundo que se esqueceu de Deus. À cintura, a corrente de ferro — símbolo da escravidão de amor a Maria segundo a espiritualidade de São Luís Maria Grignon de Montfort — proclama a alegria desse vínculo mariano, e o desejo de que este seja indestrutível. E o escapulário de inspiração carmelitana igualmente manifesta essa devoção à Mãe de Deus, como o Rosário que pende ostensivamente da corrente. Cientes de que a vida na terra é uma luta constante,⁵⁵ calçam os Arautos altivas botas, expressão de que constituem hoje uma verdadeira *nova militia Christi*, conforme designação que lhes foi dada pelo Cardeal Franc Rodé, CM, Prefeito emérito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica.⁵⁶

Pretende o hábito dos Arautos do Evangelho, nas suas variantes, tanto para o ramo feminino como para o masculino, reportar a uma realidade transcendente, fazer sentir a todos a grandeza incomparável da dignidade de batizado e de filho de Deus. A quem o usa, é um constante estímulo a ser fiel à vocação; para quem o vê, é um convite a abrir a alma e o coração às maravilhas de Deus. Por isso, o hábito acaba sendo inclusive um modo de selecionar as vocações para os Arautos, por meio do convite à magnanimidade. Quem tem atração por essa virtude, ao tomar contato com os ambientes da instituição logo se entusiasma pela beleza do hábito, entende sua simbologia e adere sem hesitação aos ideais por ele evocados.

Assim, pode-se dizer que cada Arauto devidamente compenetrado de sua vocação, revestido desse hábito, acaba sendo um estandarte vivo do próprio carisma, segundo atestam depoimentos de abalizadas autoridades eclesíásticas, como o Arcebispo de Santo Domingo (República Dominicana), Primaz das Américas, Cardeal Nicolás de Jesús López Rodríguez:

Essa instituição católica, conhecida no mundo inteiro por ter prestado excelentes serviços à Igreja e reconhecida não só por seu empenhado espírito evangelizador, mas especialmente por seu sinal característico: seu brilhante hábito religioso.

Certamente [o leitor] já os terá visto em alguma igreja de nossa República Dominicana, ou em outros países, ostentando em seus escapulários uma grande cruz de Santiago que tanto nos une a todas as pessoas de tradição hispânica e tanto nos comove. Essa bela cruz, tradicionalmente vermelha,

55) Cf. Jô 7, 1.

56) CONGREGAZIONE PER GLI ISTITUTI DI VITA CONSACRATA E LE SOCIETÀ DI VITA APOSTOLICA. *Decretum Rex regum et Dominus dominantium*, 21/4/2009, Prot. n. 257¹/2009, in AVFC, Arm. 2, Prat. 2, Cx. 1.

simbolizou os peregrinos que caminhavam rumo a Compostela, onde anelavam venerar os restos do Apóstolo São Tiago, primo de Jesus. Mas hoje, dividida em vermelho e branco, é uma cruz nova, que bem pode ser chamada a **'cruz dos Arautos do Evangelho'**, sinal característico desta esplêndida obra evangelizadora da Igreja de Jesus Cristo em nossas dias.⁵⁷

Entre outras personalidades, também o falecido Cardeal Antonio José González Zumárraga, então Arcebispo de Quito e Primaz do Equador, deu seu testemunho a respeito do hábito da instituição: "É digno de todo elogio o trabalho que realizam, e ao se vestirem dessa maneira, com uma grande cruz sobre o peito, dão um autêntico testemunho de fé cristã em todos os ambientes".⁵⁸ E Dom Salvador Piñeiro García-Calderón, Arcebispo de Ayacucho e Huamanga e Ordinário Militar do Peru, exprimiu sua satisfação ao fundador dos Arautos:

Causa-me especial alegria o comportamento e o vestuário que usam os Arautos do Evangelho. Notei que o hábito que os caracteriza é sempre motivo de exemplo e de sumo respeito, por parte do povo fiel, que vê nestes 'trajes de gala' [...] a caracterização de um tipo humano comprometido com a fé e com a nova evangelização.⁵⁹

Esse carisma, que tão boa impressão tem causado, leva o Arauto a ter em vista agir com perfeição em busca da pulcritude em todos os atos da vida diária: no porte, no trato com os demais, na elevação de vistas e de cogitações. A tal ponto que ele, para ser inteiramente fiel ao carisma, não se pode permitir

57) "Esa institución católica, conocida en el mundo entero por haber prestado excelentes servicios a la Iglesia y reconocida no sólo por su empeñado espíritu evangelizador, sino especialmente por su señal característica: su brillante hábito religioso. Ciertamente ya los ha visto en alguna iglesia de nuestra República Dominicana, o en otros países, ostentando en sus escapularios una gran cruz de Santiago que tanto nos une a todas las personas de tradición hispánica y tanto nos conmueve. Esa hermosa cruz, tradicionalmente escarlata, ha simbolizado los peregrinos caminantes a Compostela, donde anhelaban venerar los restos del Apóstol Santiago, primo de Jesús. Pero hoy, partida en rojo y blanco, es una cruz nueva, que bien puede ser llamada la 'Cruz de los Heraldos del Evangelio', señal característica de esta espléndida Obra evangelizadora de la Iglesia de Jesucristo en nuestros días" (N. J. LÓPEZ RODRÍGUEZ, in *El Rosario, oración de la paz*, Santo Domingo 2005, p. 5, grifo do Autor).

58) "Es digno de todo elogio el trabajo apostólico que realizan, y al vestir de esa manera, con una gran cruz sobre el pecho, dan un auténtico testimonio de fe cristiana en todos los ambientes" (A. J. GONZÁLEZ ZUMÁRRAGA, *Carta aos Arautos do Evangelho*, 23/9/2002, in *Arquivo pessoal do autor - São Paulo* 086-02).

59) "Me causa especial alegría el comportamiento y el vestuario que usan los Heraldos del Evangelio. El hábito que los caracteriza he notado que es siempre motivo de ejemplo y de sumo respeto, por parte del pueblo fiel, que ve en esos 'trajes de gala' [...] la caracterización de un tipo humano comprometido con la fe y con la Nueva Evangelización" (S. PIÑEIRO GARCÍA-CALDERÓN, *Carta aos Arautos do Evangelho*, 31/1/2003, in *Arquivo pessoal do autor - São Paulo* 025-03).

sequer pensamentos triviais ou banais, mas deve ter a mente a todo momento voltada para os grandes panoramas espirituais e culturais que a vocação lhe descortina. Em suma, deve o Arauto procurar ser, com o favor de Maria, mais angelical que humano.

1.8. Aliança da exímia disciplina com o espírito religioso

Decorrência natural dessa elevação de vistas e desse amor à perfeição, um dos pontos que mais chamam a atenção no carisma dos Arautos do Evangelho é a exímia disciplina que pervade todas as suas atividades, desde os pequenos atos da vida individual e cotidiana até as grandes manifestações públicas e solenidades litúrgicas. Talvez aqui se encontre uma substanciosa novidade do Espírito Santo ao suscitar nos dias atuais este carisma: a feliz aliança da disciplina com a piedade.

Sem dúvida, o traduzir toda a vida individual e comunitária em contínuo cerimonial pressupõe, primeiro, uma grande apetência de alma dos participantes e, depois, uma disciplina rigorosa para haver uniformidade e beleza nos movimentos. Sobretudo nos atos da vida de piedade — como a Celebração Eucarística, a Adoração ao Santíssimo Sacramento, o canto da Liturgia das Horas e os cortejos com a recitação do Rosário —, notam-se no conjunto uma harmonia, coordenação e postura impecáveis. Dir-se-iam honras prestadas a Deus de modo militar e com espírito profundamente religioso.

Com efeito, a união desses dois aspectos é uma das notas mais marcantes e originais do carisma dos Arautos do Evangelho, e a que mais atrai a admiração dos fiéis. Nisso bem se pode ver uma inovação do Espírito Santo no horizonte dos carismas na Igreja. Compenetrados, portanto, precisam estar os membros da instituição de que “tornamo-nos um espetáculo para o mundo, para os anjos e para os homens”⁶⁰ como diz o Apóstolo.

Como facilmente se compreende, tudo isso, sem muita disciplina, seria impossível.

1.9. A fundamental virtude da fortaleza

Para se alcançar tão esmerada disciplina nos mínimos detalhes da vida, faz-se mister, naturalmente, considerável dose de fortaleza.

60) I Cor 4, 9.

Pela autorizada palavra do Cardeal Franc Rodé, CM, em homilia na Casa-Mãe da instituição, ficou bem expressa essa característica do carisma dos Arautos que ele, como bom pastor, tão bem soube discernir:

Pensando em vós, nesta formidável nova congregação ou instituto religioso dentro da Igreja, perguntei-me qual seria a virtude característica dos Arautos do Evangelho, a virtude que os distingue, um pouco, inclusive dentro da Igreja, de outras famílias religiosas. E disse para mim mesmo que provavelmente é a virtude da ‘força’ [fortaleza].

Vejo-o em seu uniforme, na cruz e espada, de Santiago, na corrente à cintura, nas botas, no passo marcial e em todo o seu estilo de vida. Tudo isto leva a ter uma vida disciplinada, ordenada. Uma vida sob o signo de uma força interior. A virtude cardeal da fortaleza é muito, muito necessária no mundo em que vivemos. O mundo nunca foi um jardim delicioso onde brotam flores, onde cantam pássaros, onde vive uma humanidade pacífica e essencialmente boa. O mundo é um mar tempestuoso. É teatro de uma luta contínua entre o bem e o mal. Já um filósofo grego, Heráclito, dizia que a luta é o pai ou a mãe de tudo. No fundo de toda realidade, no fundo da História, no fundo da humanidade, há uma luta violenta entre o bem e o mal, entre Deus e o demônio, entre a Igreja e o mundo ou, como diz São João, entre a luz e as trevas. Neste mundo vivemos e neste mundo estamos empenhados e participamos na luta por Deus, na luta pela vitória do bem, na luta pela vitória da Santa Igreja Católica.

Isto é a missão que vós tendes, queridos Arautos do Evangelho. E aqui temos que recordar algo central, algo essencial, as palavras de Nosso Senhor: ‘Sem Mim nada podeis fazer’ (Jo 15, 5). Não poderemos sustentar esta luta, não poderemos lutar com êxito, se não estivermos intimamente unidos ao Senhor, mediante a Santa Eucaristia, mediante a *lectio divina*, a meditação de sua Palavra. E mediante a união com o Papa, os Bispos, a comunhão da Igreja. Unidos, e unidos entre vós, sereis fortes.

E recordemos as palavras do Senhor que nos dão confiança: ‘Não tenhais medo, Eu venci o mundo’ (Jo 16, 33). Amém.⁶¹

E ao fazer a entrega ao fundador dos Arautos do Evangelho da medalha *Pro Ecclesia et Pontifice*, outorgada pelo Papa Bento XVI, é o mesmo Cardeal Rodé quem define esse novo carisma com significativas palavras: “Com efeito, graças a Vossa Excelência [o fundador dos Arautos], surgiu uma nova

61) F. RODÉ, *Homilia na Casa-Mãe dos Arautos do Evangelho*, 26/2/2008, in *Arquivo pessoal do autor - São Paulo* 022-08.

cavalaria não secular, mas religiosa, com um novo ideal de santidade e um heroico empenho pela Igreja”.⁶²

2. O carisma dos Arautos face ao contexto histórico

Esse carisma, original em tantos aspectos e com um tipo humano tão peculiar, provavelmente foi suscitado pelo Espírito Santo na presente quadra histórica para atuar num mundo que vai perdendo o senso da presença de Deus e, concomitantemente ou talvez por causa disso, também o senso da beleza.

É preciso, sem embargo, levar em conta que esse carisma teria sua razão de ser em qualquer época, ainda que o mundo não estivesse na decadência em que se encontra. São desdobramentos das perfeições divinas que o Espírito Santo suscita ao longo dos séculos, em vista da maior glória de Deus, e não simplesmente em função de algum mal. “*Alios ego vidi ventos, alias prospexi animo procellas*”,⁶³ poderia a Igreja dizer sobranceira em meio às tormentas do mundo de hoje.

Nesse sentido, se a crise da sociedade entrou como um elemento na explicitação do carisma dos Arautos do Evangelho, o propósito de oferecer-lhe uma réplica não representa sua essência. Da mesma forma que diminuiria muito a missão de São Domingos de Gusmão quem o apresentasse como mero antialbigense, ou Santo Inácio de Loyola e Santa Teresa de Jesus como simples antiprotestantes, o mesmo se dá, na devida proporção, com os Arautos do Evangelho. O carisma destes representa, na realidade, o desabrochar de uma nova faceta do espírito católico, a qual, sob diversos aspectos, é inédita na história da Igreja, e suplanta de muito os males atuais ao se voltar para os séculos futuros, *ad maiorem Dei gloriam!*

Com efeito, foi logo no início de seu percurso vocacional, quando mal transpusera os umbrais da infância, que o fundador dos Arautos do Evangelho teve seus primeiros confrontos com as manifestações de rejeição a Deus. Em sua jovem idade, causaram-lhe profunda impressão as reações de aversão ao espírito da Igreja e de ateísmo que encontrava em alguns próximos, surgindo desse entrelaço um fator determinante para o despontar de sua vocação. Aspirava então por encontrar inocência no mundo: “Deve existir alguém

62) F. RODÉ. *Palavras no ato de entrega da medalha Pro Ecclesia et Pontifice a Mons. João Scognamiglio Clá Dias*, in *Revista Arautos do Evangelho* 93 (2009), p. 21.

63) M. TULLIUS CICERO, *In L. Calpurnium Pisonem oratio*, § 21. In *M. Tulli Ciceronis scripta quae manserunt omnia*, vol. VII, Ed. Teubner (A. Klotz), 1919, p. 417, lin.15.

que seja idealista, uma pessoa que não busque unicamente os próprios interesses!” — refletia ele. Era a graça trabalhando sua alma, com a certeza da concretização, mais cedo ou mais tarde, de seus mais nobres anelos. E a espera não foi vã. Aí estão os fatos a comprová-lo, de sobejo.

No entanto, foi a partir de seu ingresso no grupo dirigido pelo Prof. Plínio Corrêa de Oliveira que a gravidade da crise do mundo contemporâneo tomou contornos definidos no espírito do fundador dos Arautos do Evangelho. Graças ao incentivo recebido, alargou seus conhecimentos teológicos e doutrinários, e tomou contato com as análises feitas por seu mestre, à luz da fé, sobre o avanço galopante do caos hodierno.

A visualização desse líder católico sobre a decadência do homem ocidental e cristão não poderia deixar de influenciar o carisma dos Arautos do Evangelho, o qual germinou e se desenvolveu diante da perspectiva de uma crise universal que abarca o homem inteiro e, conseqüentemente, todos os campos da atividade humana. Suas raízes se encontram “nos problemas de alma mais profundos, de onde se estendem para todos os aspectos da personalidade do homem contemporâneo e todas as suas atividades”.⁶⁴

3. *Espiritualidade: a Eucaristia, Maria e o Papa*

Uma vez consideradas as características do carisma e do tipo humano dos Arautos do Evangelho, passa-se agora a tratar de sua espiritualidade.

As devoções mais marcantes desta via religiosa são a Eucaristia, Maria e o Papa, as quais formam um conjunto indispensável para completar o quadro do carisma. São elas uma herança espiritual da formação recebida do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira ao longo de quarenta anos de estreita colaboração e convívio praticamente diário. Por isso, transcreve-se a seguir o trecho de um artigo desse pensador católico, no qual, com a clareza incisiva que lhe é tão característica, ressalta a importância da trilogia:

Há para a Igreja três condições de florescimento tão essenciais, que se avantejam sobre todas as outras. Delas já tenho falado muito. Nunca, porém, será suficiente insistir.

Antes de tudo, está a piedade eucarística. Nosso Senhor presente no Santíssimo Sacramento é o Sol da Igreja. Dele nos vêm todas as graças. Mas estas graças têm de passar por Maria. Pois é Ela a Medianeira universal, por

64) P. CORRÊA DE OLIVEIRA, *Revolução e Contra-revolução*, São Paulo 2002, p. 21.

Quem vamos a Jesus, e por Quem Jesus vem a nós. A devoção marial intensa, esclarecida, filial, é pois a segunda condição para o florescimento da virtude. Se Nosso Senhor no Santíssimo Sacramento está presente, mas não nos fala, sua voz se faz ouvir para nós através do Sumo Pontífice. De onde a docilidade ao Sucessor de São Pedro é o fruto próprio e lógico da devoção à Sagrada Eucaristia e a Nossa Senhora.

Quando, pois, estas três devoções florescem, cedo ou tarde a Igreja triunfa. E, *a contrario sensu*, quando elas estão em declínio, cedo ou tarde a civilização cristã decai.⁶⁵

Nos estatutos dos Arautos do Evangelho ficaram consagradas estas três devoções, que devem estar gravadas na alma e no coração de cada membro da Associação:

Art. 6: A espiritualidade tem como linhas mestras a adoração a Jesus Eucarístico, de inestimável valor na vida da Igreja para construí-la como una, santa, católica e apostólica, corpo e esposa de Cristo; a filial piedade mariana, imitando a sempre Virgem e aprendendo a contemplar n'Ele o rosto de Jesus; e a devoção ao Papado, fundamento visível da unidade da fé (LG 18).⁶⁶

E por ser a fidelidade ao Papa um ponto particularmente sensível da fé católica e um sinal de unidade da Igreja, também nos estatutos ficou especialmente consignada essa devoção no seu artigo 7º:

A Associação como tal, e cada um dos irmãos que a compõem, comprometem-se a viver em adesão permanente ao Pontífice Romano e ao Magistério da Igreja, seguindo com docilidade os ensinamentos e determinações do Concílio Vaticano II, e em união afetiva e efetiva com todos os Bispos em comunhão com a Sé Apostólica.⁶⁷

3.1. Ardorosa devoção eucarística

No que tange à necessária e indispensável devoção Eucarística na vida cotidiana de um Arauto, teve ela seus antecedentes vincados pelos hábitos piedosos do Prof. Corrêa de Oliveira. Havia nesses hábitos certas notas que,

65) P. CORRÊA DE OLIVEIRA, *Primeiro marco do ressurgimento contra-revolucionário*, in *Catolicismo* 86 (1958), p. 1-2.

66) ARAUTOS DO EVANGELHO, *Estatutos*, Cidade do Vaticano 2006.

67) *Ibid.*, art. 7.

por força de seu exemplo de vida, marcaram a fundo os costumes do *Eremo* de São Bento.⁶⁸ Com frequência, lá costumava ir ele ao fim da tarde, após ter concluído suas orações e antes de dar início ao período vespertino de trabalho, a fim de participar do Banquete Eucarístico juntamente com os eremitas que ali residiam.

Não havia quem não ficasse vivamente edificado ao vê-lo comungar e fazer a ação de graças, que nunca durava menos de dez minutos, após receber Jesus Eucarístico. A recepção diária da Eucaristia era-lhe um dom inestimável, conforme suas próprias palavras, poucos anos antes de falecer: “Uma pessoa chegar a idade avançada, tendo comungado todos os dias, é uma alegria enorme! Mas enorme!”⁶⁹

Seu exemplo levou a que os membros do *Eremo* de São Bento, embora todos leigos, também abraçassem essa importante prática de piedade, a qual sempre tinha uma característica nota mariana, e por isso foi incluída no *Ordo*⁷⁰ nos seguintes termos:

Se possível, participar da Sagrada Eucaristia. Nos dias em que estiver impedido de comungar sacramentalmente, fazer pelo menos uma comunhão espiritual, com um tempo de ação de graças não inferior a dez minutos. [...] Encerrar a ação de graças com uma prece diante de alguma imagem de Nossa Senhora.⁷¹

68) Atual Casa-mãe dos Arautos do Evangelho. A expressão *eremo* designava as casas onde se vivia em regime de recolhimento, dividindo o tempo entre o estudo, a oração e as atividades de apostolado. A origem desse nome liga-se a um fato ocorrido durante a estadia do Prof. Corrêa de Oliveira em Roma, no ano de 1962. Seus companheiros de viagem, ao visitarem Assis, tinham estado também no *Eremo delle Carceri*, onde São Francisco e seus primeiros discípulos passavam períodos de retiro. Ao regressarem, o Prof. Corrêa de Oliveira notou neles uma ação benéfica da graça, fruto do curto período de recolhimento que haviam passado no *Eremo delle Carceri*. E pensou prolongar esses efeitos benéficos, promovendo no interior de seu movimento, algo à maneira do *eremo*. Posteriormente, ao surgir em alguns a aspiração a uma vida de recolhimento, foi dada, por analogia, à instituição criada o nome de *eremo*.

69) *Conferência*: P. CORRÊA DE OLIVEIRA, *Para os sócios da TFP brasileira*, São Paulo 9/3/1991.

70) “Ao longo dos anos de vida em comum, foram surgindo de maneira natural diversos usos e costumes, indispensáveis para o bom funcionamento das casas, coordenação dos esforços apostólicos, seguimento dos conselhos evangélicos e ‘tradução’ do carisma nos atos cotidianos, o que significava dar uma nota de solenidade e pulcritude até no modo de trajar, comer, conversar e de se comportar na intimidade da vida individual. Evoluindo assim de modo orgânico, tais usos e costumes despertaram, em certo momento, a ideia de promover uma compilação e ordenação, com vistas à constituição de um projeto de *Ordo*. Aos poucos, foram-se acrescentando ensinamentos e recomendações de mestres de vida espiritual e de escolas religiosas, buscando-se inspiração especialmente nas regras e constituições dos institutos de perfeição aprovados pela Igreja Católica”. (ARAUTOS DO EVANGELHO, *Ordo de Costumes*, São Paulo 2002, p. 17).

71) ARAUTOS DO EVANGELHO, *Ordo de Costumes*, São Paulo 2002, p. 32; 37.

Um acontecimento fortuito veio intensificar ainda mais esta essencial devoção. Após um encontro com Fr. Estéban Gómez, OP, um dos canonistas que haviam trabalhado intensamente no novo Código de Direito Canônico, condescendeu aquele religioso em ter uma longa conversa com o futuro fundador dos Arautos a respeito da comunhão duas vezes ao dia. Esse colóquio levantou labaredas de fervor no coração do interlocutor. Por essa razão, na atualidade, procurando incrementar ao auge essa devoção, de modo a ter o maior convívio possível com Jesus Eucarístico, todo Arauto, sempre que lhe seja possível, beneficia-se da Comunhão sacramental duas vezes ao dia.

Outro componente da piedade eucarística, mais tarde também introduzida no *Ordo*, consistia nas frequentes visitas ao Santíssimo Sacramento, prática de piedade muito incentivada pelo Prof. Plínio Corrêa de Oliveira:

Sempre me cortou o coração interrogar-me, ao ver uma capela: ‘Não poderia haver mais gente agora lá?’ Sempre poderia... Não existe um lugar onde esteja o Santíssimo Sacramento, e se possa dizer que há tanta gente quanto seria razoável. Compreende-se bem que, não estando Ele sensivelmente presente, pela nossa fraqueza de homens, a impressão que causa não é a mesma. Mas sempre, sempre, sempre uma capela podia estar mais cheia. Deveria haver almas que tivessem tal sofreguidão eucarística que, podendo passar um instante pela capela, fazer genuflexão e sair, não o deixassem de fazer; podendo passar perto da capela, abrir a porta e fazer uma genuflexão do lado de fora, o fizessem; e, pelo menos ao dormir pensassem: ‘Nosso Senhor está dormindo nesta casa. Que alegria!’ Almas que sofressem, não de uma escrupulosa obsessão eucarística, mas de uma fome eucarística, uma vontade de estar lá, uma vontade de tratar com Ele, um minuto que seja.⁷²

Noutra palestra para os eremitas do *Eremo* de São Bento, o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira voltava a insistir na mesma recomendação:

Eu gostaria que os senhores fossem insaciáveis de entrar na capela. Procurolhes dar exemplo por este fato: creio que nunca me viram entrar neste prédio, sem ir primeiro à capela. Nunca! Posso estar ocupado, posso ter acabado de sair da capela de outro *Eremo*, onde estive igualmente com Ele, posso ter feito qualquer outra coisa... entrei no prédio, meu primeiro ato — não é segundo nem terceiro; é primeiro, diretamente! — é ir até o Santíssimo Sacramento e fazer uma pequena adoração. E nunca me viram sair do pré-

72) Conferência: P. CORRÊA DE OLIVEIRA, *Para os sócios da TFP brasileira realizada no Eremo do Praesto Sum*, São Paulo 9/11/1982.

dio, senão assim. No tempo em que eu me locomovia com facilidade⁷³ era a coisa mais normal descer eu mesmo, fazer uma adoração rápida e subir. Porque isso é o que convém.

Ao entrarmos na capela, pensemos sempre nesta reflexão de Santo Agostinho sobre a misericórdia: ‘Nosso Senhor é tão misericordioso que no Santíssimo Sacramento estremeceu de alegria, porque eu entrei’. E eu digo uma coisa que é incalculável, mas é assim: ainda que alguém estivesse em estado de pecado, Ele gostaria de receber essa visita. É incrível, mas Deus gosta de receber até a oração do pecador.⁷⁴

Há entre nós uma regra absoluta: quem entra numa sede da TFP vai diretamente ao Santíssimo Sacramento, reza a Nosso Senhor Sacramentado e a Nossa Senhora, depois vai fazer o que deve. Antes de sair procede do mesmo modo. E é a última coisa que faz. [...] Como Cristo é o alfa e o ômega, o princípio e o fim de todas as coisas, Ele tem direito a ser o primeiro a ser saudado e o último a Quem se apresenta a reverência de nossa adoração.⁷⁵

Tal prática passou a fazer parte dos costumes dos eremitas, sendo incluída no *Ordo* com a formulação que segue:

Pedir a intercessão de Nossa Senhora para bem fazer a adoração a Nosso Senhor Sacramentado.

Se entrar ou sair várias vezes ao dia da mesma casa da Associação, ou da mesma igreja, bastará visitar o Santíssimo Sacramento por ocasião da primeira entrada e da última saída; mas será melhor fazê-lo a cada vez que entrar e sair.⁷⁶

3.2. *Um carisma com acentuada nota marial*

Além da devoção Eucarística e da fidelidade ao Papado, quem toma contato com os Arautos, mesmo superficialmente, logo discerne no carisma a peculiar e acentuadíssima nota marial, que provém da vinculação espiritual com a Mãe de Deus propugnada por São Luís Maria Grignion de Montfort em seu *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem*:

73) Dr. Plínio sofreu um grave acidente de automóvel em 1975 que o deixou impossibilitado de caminhar, sendo por isso obrigado a utilizar cadeira de rodas durante os últimos 20 anos de vida.

74) Conferência: P. CORRÊA DE OLIVEIRA, *Para os membros da TFP brasileira realizada no Eremo de São Bento*, São Paulo 14/7/1987.

75) Conferência: P. CORRÊA DE OLIVEIRA, *Para os membros da TFP brasileira realizada no Eremo de São Bento*, São Paulo 6/1/1988.

76) ARAUTOS DO EVANGELHO, *Ordo de Costumes*, São Paulo 2002, p. 39.

Esta devoção consiste, portanto, em entregar-se inteiramente à Santíssima Virgem, a fim de, por Ela, pertencer inteiramente a Jesus Cristo. É preciso dar-Lhe 1º- nosso corpo com todos os seus membros e sentidos; 2º- nossa alma com todas as suas potências; 3º- nossos bens exteriores, que chamamos de fortuna, presentes e futuros; 4º- nossos bens interiores e espirituais, que são nossos méritos, nossas virtudes e nossas boas obras passadas, presentes e futuras. Numa palavra, tudo que temos na ordem da natureza e na ordem da graça, e tudo que, no porvir, poderemos ter na ordem da natureza, da graça e da glória, e isto sem nenhuma reserva, sem a reserva sequer de um real, de um cabelo, da menor boa ação, para toda a eternidade, sem pretender nem esperar a mínima recompensa de sua oferenda e de seu serviço, a não ser a honra de pertencer a Jesus Cristo por Ela e n' Ela, mesmo que esta amável Senhora não fosse, como é sempre, a mais liberal e reconhecida das criaturas.⁷⁷

Mais adiante, o grande santo mariano explana os frutos que tal devoção produz na alma do escravo de amor, sendo o principal deles a sua conformação a Jesus Cristo:

Notai, se vos apraz, que eu digo que os santos são moldados em Maria. [...] Santo Agostinho chama a Santíssima Virgem “*forma Dei*”, o molde de Deus. “*Si formam Dei te appellem, digna existis*”. O molde próprio para formar e moldar deuses. Aquele que é lançado no molde divino fica em breve formado e moldado em Jesus Cristo, e Jesus Cristo nele. [...] Mas lembrai-vos que só se lança no molde o que está fundido e líquido, isto é, que é mister destruir e fundir em vós o velho Adão, para que venha a ser o novo em Maria.⁷⁸

Embora São Luís Grignon, ao tratar da escravidão de amor, se refira a uma relação espiritual com Maria sem qualquer compromisso de votos públicos, a leitura do *Tratado* e a prática da escravidão de amor foram fatores determinantes para que o fundador dos Arautos, juntamente com alguns de seus companheiros de ideal, optassem pela vida comunitária. Para *destruir o velho Adão*, segundo as palavras do mesmo santo, o auxílio de um guia se fazia indispensável, e ninguém melhor indicado para essa tarefa que o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira.

77) L. M. GRIGNON DE MONTFORT, *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*, Petrópolis 1995, p. 120-121.

78) *Ibid.*, p. 212-213; 214.

Enquanto em outras fundações, em geral, a vida comunitária nasce com vistas à finalidade própria do instituto, nos Arautos ela se estabeleceu para viverem com maior intensidade a consagração como escravos de amor e se unirem mais intimamente a Jesus pelas mãos de Maria Santíssima, confiados à orientação firme e experimentada de um mestre espiritual.

Terão contribuído também para essa opção de vida, em alguma medida, as menções feitas por São Luís Grignon a uma futura instituição ou congregação destinada a combater o espírito do mundo e divulgar a devoção a Maria:

Um esquadrão de bravos e destemidos soldados de Jesus e de Maria, de ambos os sexos, para combater o mundo, o demônio e a natureza corrompida, nos tempos perigosos que virão, e como ainda não houve.⁷⁹

Desde o começo, todos os que faziam parte dessa experiência de vida comunitária sentiam grande consonância com as palavras um tanto misteriosas da Oração Abrasada, na qual São Luís Grignon trata dos Apóstolos dos Últimos Tempos. Nela, refere-se ele a uma congregação de escravos de Maria, cujas características parecem se aproximar às do carisma dos Arautos:

Que Vos peço eu? [...] *Liberos*: escravos de vosso amor e de vossa vontade, homens segundo vosso Coração que sem vontade própria que os macule e os faça parar, executem todas as vossas vontades e lancem por terra todos os vossos inimigos, quais novos Davids, com o cajado da Cruz e a funda do santíssimo Rosário nas mãos: “*In baculo Cruce et in virga Virgine*”. [...]

Liberos: almas sempre à vossa mão, sempre prontas a obedecer-Vos, à voz de seus superiores, como Samuel: ‘*Praesto sum*’. Sempre prontos a correr e a tudo sofrer por Vós e convosco, como os Apóstolos: ‘*Eamus et moriamur cum illo*’.

Liberos: verdadeiros servos da Santíssima Virgem, que, como outros tantos São Domingos, vão por toda parte, com o facho lúcido e ardente do Santo Evangelho na boca, e na mão o santo Rosário, a ladrar, como cães fiéis, contra os lobos que só buscam estraçalhar o rebanho de Jesus Cristo; que vão ardendo como fogos, e iluminando como sóis as trevas deste mundo.⁸⁰

Os fatores acima mencionados, ao serem postos em prática, acabaram por ajudar a definir os traços essenciais do carisma dos Arautos, levando-os a incluir nos estatutos a espiritualidade montfortiana:

79) *Ibid.*, p. 112.

80) *Ibid.*, p. 304-305.

“Os membros da Associação realizam essa finalidade vivendo a consagração a Jesus Cristo por meio de Maria, como uma renovação constante das promessas do Batismo, segundo o método de São Luís Maria Grignon de Montfort (RM 48)”.⁸¹

Entre os frutos da escravidão a Maria, São Luís aponta o de uma grande confiança em Deus e em sua Santa Mãe: “A Santíssima Virgem vos encherá de grande confiança em Deus e n’Ela”.⁸²

O Arauto do Evangelho aspira viver por inteiro a espiritualidade montfortiana, renovando diariamente sua consagração à Santíssima Virgem, procurando-A como modelo, e fazendo tudo com Maria e em Maria. A fórmula dessa entrega tem por título “Consagração de si mesmo a Jesus Cristo, a Sabedoria encarnada, pelas mãos de Maria”.

3.3. O indispensável Rosário

O Rosário, uma das mais importantes manifestações de piedade mariana, ocupa lugar central nas práticas devocionais dos Arautos do Evangelho.

Foi quando o grande São Domingos de Gusmão, em 1214, pedia o auxílio divino em meio à situação por que passava a Igreja com a heresia cátara, que a Mãe de Deus lhe revelou a devoção do Santo Rosário por meio do qual foi finalmente superada a grave crise. Abria-se, assim, luminosa via de salvação aos homens. Manifestando a predileção pelos filhos dominicanos, Maria Santíssima socorre, em 1464, o Beato Alano de la Roche, então acometido por terrível provação, dando-lhe a conhecer as quinze promessas aos devotos do Rosário. Em seguida, tornou-se Alano o grande apóstolo dessa devoção mariana.

Compêndio do Evangelho, o Rosário leva a meditar nos principais episódios da vida do Senhor. Trata-se propriamente de uma oração evangélica, centrada sobre o mistério da Encarnação redentora, conforme ressaltou o Papa Paulo VI.⁸³ É a contemplação dos mistérios da Encarnação e da Redenção através dos olhos da Virgem Maria. Assim,

81) ARAUTOS DO EVANGELHO, *Estatutos*, Cidade do Vaticano 2006, art. 5.

82) L. M. GRIGNON DE MONTFORT, *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*, Petrópolis 1995, p. 207.

83) Cf. *Marialis cultus*, n. 46.

percorrer com Ela as cenas do Rosário é como frequentar a ‘escola’ de Maria para ler Cristo, penetrar nos seus segredos, compreender a sua mensagem. Esta escola, a de Maria, é ainda mais eficaz quando se pensa que Ela a dá obtendo-nos os dons do Espírito Santo com abundância e, ao mesmo tempo, propondo-nos o exemplo daquela ‘peregrinação da Fé’, na qual é mestra inigualável.⁸⁴

Cada membro associado dos Arautos do Evangelho na sua vida de comunidade, não somente faz da Missa o centro de seu dia e reza a Liturgia das Horas, como também tem o compromisso de recitar o Rosário completo, ou seja, os mistérios gozosos, luminosos, dolorosos e gloriosos.

É convicção de todos os Arautos que, sem essa devoção mariana, a solidificação e expansão da obra teria sido muito mais difícil, para não dizer impossível. E o próprio caráter profundamente mariano da espiritualidade dos Arautos do Evangelho exige esse amor ao Rosário.

3.4. Entranhada devoção ao Papado

Intimamente relacionada com a devoção Eucarística e marial estava, para o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira, a veneração ao Papa, pois é este o *doce Cristo na terra*. Como escritor, não deixou de manifestar seus sentimentos de filial e entranhado devotamento ao Pastor dos Pastores em numerosas ocasiões:

“Quem afirma servir a Deus não afirma com isto que deseja servi-Lo como Ele quer ser servido, isto é, com a Igreja, pela Igreja e na Igreja. [Muitos] pretendem servir a Deus, [...] mas querem servi-Lo a seu modo. Não basta que sirvamos a Deus, segundo nós achamos que Ele deve ser servido. É preciso que O sirvamos como a Igreja, seu porta-voz infalível, quer que Ele seja servido. E, assim, em uma época em que se usa e abusa de tudo, inclusive do Santo Nome de Deus, é melhor precisar os termos, e dizermos a verdade inteira: queremos servir o Papa e a Igreja, pois que este é o único modo por que devemos servir à causa de Deus”.⁸⁵

84) “Per Rosarii stationes cum Maria transire idem fere est ac Mariae adsistere ‘scholae’ ut Christus legatur, eius inspiciantur secreta, nuntius ipsius intellegatur. Haec Mariae schola eo est efficacior si ipsa existimatur scholam explicare, Spiritus Sancti dona nobis abundanter obtinens simulque exemplum proponens illa «in peregrinatione fidei» cuius est incomparanda doctrix” (*Rosarium Virginis Mariae*, n. 14).

85) P. CORRÊA DE OLIVEIRA, *E por que não Catolicismo?* in *O Legionário* 18 (19/1/1936), p. 1.

Os vivos sentimentos e a firme disposição do Prof. Corrêa de Oliveira de manter-se sempre na submissa e reverente obediência à autoridade do Papa, acatando com filial obséquio de sua inteligência todos seus ensinamentos, mesmo os do Magistério ordinário, foram num *crescendo* ininterrupto durante toda a sua longa vida. Essa sua postura de espírito teve um relevante papel na formação espiritual do fundador dos Arautos.

Pode-se aqui citar, a modo de exemplo, um artigo de sua autoria publicado no jornal de maior tiragem de Brasil durante o pontificado de Paulo VI:

Não é com meu entusiasmo dos tempos de jovem, que eu me coloco hoje ante a Santa Sé. É com um entusiasmo ainda maior, e muito maior. Pois à medida que vou vivendo, pensando e ganhando experiência, vou compreendendo e amando mais o Papa e o Papado.

Lembro-me ainda das aulas de catecismo em que me explicaram o Papado, sua instituição divina, seus poderes, sua missão. Meu coração de menino (eu tinha então nove anos) se encheu de admiração, de enlevo, de entusiasmo: eu encontrara o ideal a que me dedicaria por toda a vida. De lá para cá, o amor a esse ideal não tem senão crescido. E peço aqui a Nossa Senhora que o faça crescer mais e mais, até o último alento. Quero que o derradeiro ato de meu intelecto seja um ato de Fé no Papado. Que meu último ato de amor seja um ato de amor ao Papado. Pois assim morrerei na paz dos eleitos, bem unido a Maria minha Mãe, e por Ela a Jesus, meu Deus, meu Rei e meu Redentor boníssimo.

E este amor ao Papado não é em mim um amor abstrato. Ele inclui um amor especial à pessoa sacrossanta do Papa, seja ele o de ontem, como o de hoje ou o de amanhã. Amor de veneração. Amor de obediência. [...]

Foi o que me ensinaram nas aulas de Catecismo. Foi o que li nos tratados que estudei. Assim penso, assim sinto, assim sou. E de coração inteiro.⁸⁶

Se em seus escritos transbordava esse grande amor à Igreja, em suas conferências ou palestras era muito mais sensível o ardor desse sentimento, que ele procurava transmitir a seus seguidores e colaboradores mais próximos, criando em torno de si um ambiente de entranhado devotamento à Esposa Mística de Cristo representada por seus Pastores, os Bispos, em união com o Santo Padre.

Foi essa veneração à pessoa do Sumo Pontífice que levou o fundador dos Arautos do Evangelho, em certo momento, a querer se vincular de um modo mais especial à Santa Sé, pedindo a aprovação pontifícia da instituição. Não

86) P. CORRÊA DE OLIVEIRA, *A perfeita alegria*, in *Folha de S. Paulo*, 12/07/1970, p. 3.

se tratava tão só de formalizar o *status* canônico de uma associação já existente de fato, por meio de uma medida jurídica administrativa, mas de estreitar o laço espiritual com a Cátedra de Pedro, para inserir-se mais plenamente no mistério da comunhão eclesial. A partir daí, inúmeras novas graças passaram a ser derramadas sobre o movimento, assim unido ao Vigário de Cristo.

A propósito, podem ser elucidativos os comentários do Prof. Corrêa de Oliveira a respeito da necessidade de cada fiel estar ligado a seus pastores, uma vez que Cristo estabeleceu com eles um vínculo indissolúvel:

Nosso Senhor Jesus Cristo e a hierarquia, têm uma união indissolúvel. E, para estar unido a Nosso Senhor Jesus Cristo, é indispensável estar unido à Hierarquia.

Porque a Hierarquia é a continuadora de Jesus Cristo, e é porque ela tem a missão de Jesus Cristo de ensinar, que ela ensina. E nós devemos acreditar no ensinamento de Jesus Cristo, enquanto transmitido pela Hierarquia.

Existe mais um dado, que é o seguinte: como toda a vida da graça vem pelo fato de nós estarmos unidos à Igreja, e como a união com a Igreja vem do fato de nós estarmos unidos à Hierarquia, é pelo fato de nós aceitarmos esse ensino, enquanto lecionado pela Hierarquia, que nós nos inserimos na árvore da Igreja e recebemos a graça.

De maneira que, se nós não estivéssemos colados na Igreja, vivendo da sua seiva, a circulação da graça cessaria em nós. E nós secaríamos, completamente, falhos de graça. Porque a graça que possa haver em mim, eu a recebo da minha união e da minha submissão à Santa Igreja Católica, Apostólica e Romana e, portanto, às autoridades constituídas nela.⁸⁷

Como ficou dito mais acima, esses ensinamentos ver-se-iam futuramente refletidos no modo de o fundador conduzir os Arautos do Evangelho, procurando a aprovação da Sagrada Hierarquia e do Papa.

O Prof. Plínio Corrêa de Oliveira levava esta atitude de obediência ao extremo de declarar-se, sob o ponto de vista intelectual, escravo da Santa Sé. Tal era sua adesão aos ensinamentos do Papa e dos Bispos, instituídos como mestres da Igreja pelo próprio Cristo. Em matéria doutrinária afirmava serem seus ensinamentos eco do Magistério católico:

Minha segurança vem do fato de que, minha doutrina, é doutrina da Santa Sé. Porque, se há uma coisa de que eu estou seguro, no mundo, é da vinculação efetiva, indestrutível entre Nosso Senhor, Nossa Senhora e a San-

87) Conferência: P. CORRÊA DE OLIVEIRA, *Para os sócios da TFP brasileira realizada no Auditório Santa Sabedoria*, São Paulo 7/11/1966.

ta Sé Católica, Apostólica, Romana. E quem diz Santa Sé diz, sobretudo, o Papa.⁸⁸

Essas convicções provinham da clara, profunda e viva noção da sua pertença à Igreja, o que constituía sua mais íntima e constante alegria de viver. Em termos muito característicos ao seu estilo oratório, exprimia ele esta realidade tão profunda, na qual insiste a catequese da Igreja desde os mais antigos tempos: cada cristão é pedra viva da Igreja, membro do Corpo Místico de Cristo.

A Santa Igreja Católica, Apostólica, Romana, da qual nós não pretendemos ser senão uma célula, um pequeno membro vivo, uma emanção, uma centelha, um elemento integrante, enlevado e que coloca toda a sua ufania na terra apenas nesse ponto: ser um varão católico.

Católico, na força do termo, e mais nada. Podem dizer o que quiser, podem caluniar como entenderem, podem até nos matar. Mas, se desse homem se puder afirmar: “ele foi um varão católico e nele o espírito da Igreja viveu”, ter-se-á dito tudo quanto de bom, de grande e de admirável se pode dizer de um homem. [...]

Nós somos os filhos da Igreja. Nós somos fiéis à Igreja. Nós somos expressão da Igreja.

Nossas ideias não são um capricho. Nossa orientação não é um ato de preferência arbitrária e pessoal. **Nós somos os escravos da Igreja Católica, que seguimos a Igreja no que ela quer, no que ela ensina e ensinou** e que aí está, apesar de toda a fuligem das épocas, para nos dar a entender como devemos ser.

Nós conseguimos ser como somos, por sermos filhos dela, porque a graça dela tocou em nós, porque nós somos pequenos membros e pequenas fagulhas dela.⁸⁹

Indispensável é esse espírito de profunda eclesialidade, pois, com frequência, infelizmente, nas melhores obras de apostolado pode se manifestar um desvio que consiste em fechar-se sobre si, dando mais importância a quanto diz respeito ao restrito âmbito das próprias atividades, esquecendo-se de que, em primeiro lugar, está a Igreja, e é em função dela que tudo deve se ordenar. Quantos excessos se cometem, por vezes, ao se perder a verdadeira noção de

88) Conferência: P. CORRÊA DE OLIVEIRA, *Para os sócios da TFP brasileira realizada no Auditório São Miguel Arcanjo*, São Paulo 10/04/1974.

89) Conferência: P. CORRÊA DE OLIVEIRA, *Para os sócios da TFP brasileira realizada no Auditório Santa Sabedoria*, São Paulo 25/10/1967, grifo do Autor.

eclesialidade! Por isso, procurava o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira corrigir qualquer erro de visualização que pudesse ocorrer entre seus discípulos:

Por mais excelente, por mais dotada, por mais chamada, por mais perdoada e por mais abençoada que seja a TFP, eu não quisera jamais que nossas vistas fossem tão estreitas que não víssemos a Igreja senão dentro da TFP. A Santa Igreja Católica Apostólica Romana, instituída direta e pessoalmente por Nosso Senhor Jesus Cristo, é uma entidade por assim dizer infinitamente maior do que a TFP. [...]

Eu quisera que o nosso amor à TFP tivesse como razão o nosso amor à Igreja. Que compreendêssemos que a TFP é uma obra a serviço da Igreja. Que fundada por Jesus Cristo é a Igreja, incontavelmente anterior à TFP! Anterior e superior. Porque a Igreja é a causa, e a TFP é o efeito. E a causa evidentemente é superior ao efeito. [...]

Então temos de amar a Igreja total, em todos os seus aspectos, em todos os seus santos, em todas as suas ordens religiosas, em todas as suas obras, em todas as suas instituições. E, em razão disso, temos de amar também a TFP, que tem a única glória séria e de valor nessa terra: a glória de ser da Igreja. Essa é a visão das coisas que devemos ter.⁹⁰

Tal eclesialidade transparece também nos estatutos dos Arautos do Evangelho, onde se afirma a adesão ao Magistério da Igreja e a “união afetiva e efetiva com todos os Bispos em comunhão com a Sé Apostólica”.⁹¹

O Prof. Plínio Corrêa de Oliveira manteve, até o fim da vida, esta sua ardorosa adesão ao Papa. Em carta de 25 de junho de 1991 dirigida ao então assessor da Secretaria de Estado da Santa Sé, hoje Card. Crescenzo Sepe, assim ele se exprimia:

Prezado Monsenhor,

Segundo a praxe universalmente seguida, o destinatário de uma missiva de agradecimento se abstém de responder por outro agradecimento. O que é maximamente recomendável em se tratando de pessoa como V. Exa., sobre cujos ombros pesam tão altas responsabilidades, e cujo tempo, em consequência, é tão contado.

Entretanto, creio-me no caso de abrir exceção a este preceito de simples bom senso, tomando a liberdade de exprimir a V. Exa. a viva emoção que

90) Conferência: P. CORRÊA DE OLIVEIRA, *Para os sócios da TFP brasileira realizada no Auditório São Miguel Arcanjo*, São Paulo 15/5/1971.

91) ARAUTOS DO EVANGELHO, *Estatutos*, Cidade do Vaticano 2006, art. 7.

me causou a sua afirmação de que o Santo Padre ‘agradece ... pelas deferentes palavras dirigidas à Sua Pessoa, o Vigário de Cristo na terra’.

Com efeito, Monsenhor, nascido de uma família tradicionalmente católica, e tendo recebido a formação religiosa dos padres jesuítas no Colégio São Luís desta cidade, deles aprendi uma ardorosa e entusiástica adesão ao Vigário de Cristo, que ensinavam com particular esmero. E que as leituras e estudos que desde então tenho feito ininterruptamente sobre matéria religiosa têm acentuado continuamente até aos 82 anos de idade em que me encontro.

Assim, em toda a minha atuação de católico declarado, jamais tive uma atitude nem dei um passo que não fosse motivado, próxima ou remotamente, pelo desejo de servir ao Papa e à Santa Sé. [...]

Espero que, pela intercessão da Virgem Santíssima, essas minhas disposições de alma se intensifiquem continuamente, até o momento em que Deus me chame a Si. [...]

Sirvo-me, pois, desse ensejo para inteirar a V. Exa. de quanto acima afirmo. E lhe serei muito grato se V. Exa. aproveitar algum momento oportuno, para depor em mãos do Augusto Pontífice este testemunho de toda a minha fidelidade à Sé Romana, pedindo-Lhe ao mesmo tempo uma bênção apostólica.

Queira aceitar, Monsenhor, meus cumprimentos e a expressão de minha respeitosa simpatia.

Plínio Corrêa de Oliveira.⁹²

4. Finalidade: consecratio mundi

Se o carisma dos Arautos do Evangelho provém de uma visão simbólica do universo, ressaltado o *pulchrum* e originando um determinado tipo humano com específica espiritualidade, cabe aqui tratar de sua finalidade.

“Venha a nós o vosso Reino, seja feita a vossa vontade, assim na terra como no Céu”,⁹³ pedem os homens na oração perfeita, há dois mil anos. Almejam os Arautos que esse anelo se torne realidade, para que se dê toda a glória extrínseca devida ao Criador.

Trata-se da *consecratio mundi* (a sacralização do mundo) à qual o Papa João Paulo II se refere, ao dizer que:

92) P. CORRÊA DE OLIVEIRA, *Carta a Mons. Crescenzo Sepe*, 25/06/1991, in *Arquivo pessoal do autor - São Paulo* 025-91.

93) Mt 6, 10.

A tarefa prioritária da nova evangelização, que compete a todo o Povo de Deus, descortina aos olhos do leigo cristão imensos horizontes — alguns dos quais ainda por serem explorados — do compromisso no século, no mundo da cultura, da arte e do espetáculo, da investigação científica, do trabalho, dos meios de comunicação, da política, da economia, etc., e pede-lhes criatividade na busca de modalidades cada vez mais eficazes para que estes ambientes encontrem em Jesus Cristo a plenitude do seu significado.⁹⁴

Eis aqui alguns fundamentos que mostram porque o carisma dos Arautos visa aplicar-se a todos os campos da atividade humana.

Uma vez que Deus criou o mundo para manifestar e comunicar sua glória,⁹⁵ não teria sentido que toda a Criação glorificasse a Deus, refletindo suas perfeições, exceto a sociedade temporal, uma de suas mais admiráveis obras. Em algo essa glória ficaria diminuída. Sem embargo, o aperfeiçoamento da esfera temporal foi confiado ao próprio homem, ao contrário do restante do universo inanimado que saiu das mãos de Deus e se mantém dentro das regras traçadas pelo Criador, glorificando-O dessa forma. Em se tratando de um ser inteligente e, portanto, livre, participa o homem da obra criadora por disposição divina. A Deus apraz fazer com que as criaturas não só tenham parte em sua Bondade, mas que a comuniquem umas às outras.⁹⁶

Para que a esfera temporal, porém, dê glória a Deus, precisa estar constituída de acordo com os desígnios divinos, fundamentando-se na lei natural que é compendiada no Decálogo. A sociedade temporal deve, pois, procurar em Deus o seu modelo perfeito. Com a Encarnação do Verbo, tornando-Se Deus visível ao homem em Cristo Jesus, é n'Ele que a humanidade é chamada a fixar o olhar, a fim de encontrar o seu divino Arquétipo no Qual se deve inspirar para aperfeiçoar todas as suas obras.

Vê-se, assim, que a glória de Deus não está centrada exclusivamente na salvação individual do maior número de almas. Se, numa hipótese absur-

94) “Nostris singulariter temporibus primarium Novae Evangelizationis munus, quo totus Dei Populus illigatur, una cum sacerdotum «peculiarī parte», conscientiam plene redintegratam secum fert de saeculari missionis laicorum indole. Inceptum hoc immensos fidelibus laicis recludit prospectus, quorum nonnulli sunt etiam vestigandi, qui complectuntur saeculare officium in provincia culturae, artis spectaculique, scientificae inquisitionis, operis, instrumentorum communicationis, rei politicae, oeconomiae, aliorumque, atque aere ab eis facultatem requirit efficaces detegendi rationes magis magisque, ut ambitus hi in Christo Iesu significationis suae inveniant plenitudinem”. CONGREGATIO PRO CLERICIS (ET AL.), *Instructio (interdicasterialis) Ecclesiae de mysterio: De quibusdam questionibus circa fidelium laicorum cooperationem sacerdotum ministerium spectantem*. 15/8/1997, in AAS 89 (1997), p. 853-854.

95) Cf. *S. Th.*, I, q. 65, a. 2.

96) Cf. *SCG*, lib. 1, cap. 81.

da, todas se salvassem mas a sociedade temporal não fosse conforme ao plano de Deus, a glória extrínseca d'Ele ficaria apequenada. Fazendo parte do desígnio divino que o homem viva em sociedade, é evidente que também esta tem de refletir no seu conjunto as perfeições divinas, dando glória ao Criador inclusive no âmbito temporal, como na esfera espiritual o faz a Igreja. Ambas as sociedades têm, cada uma em seu âmbito, a mesma finalidade: a salvação das almas.

A intenção de atuar na sacralização das realidades temporais está expressa nos estatutos dos Arautos do Evangelho, no que diz respeito à finalidade:

Além disso, a Associação tem como fim a participação ativa, [...] na missão salvífica da Igreja, através do apostolado, atuando em prol da evangelização, da santificação e da animação cristã das realidades temporais [...] os membros da Associação devem ter em conta que é na índole secular que se situa a sua especificidade, razão pela qual devem realizar seu serviço eclesial testemunhando e tornando presente, perante os outros estados de vida, o significado das realidades terrenas e temporais no desígnio salvífico de Deus (cf. *ChL 55*).⁹⁷

Como todas as atividades dos Arautos do Evangelho, a *consecratio mundi*, finalidade imediata de seu carisma, ao promover condições mais favoráveis à santificação das almas na ordem temporal, tem como meta última a máxima glória de Deus.

5. Papel nuclear da liturgia na vida do movimento dos Arautos do Evangelho

Sendo a vida interior a alma de todo apostolado, a condição do êxito de qualquer ação evangelizadora está na contínua e crescente santificação dos apóstolos, conforme nos ensina Dom Chautard.⁹⁸ Precioso instrumento para tal escopo entre os Arautos do Evangelho foi o auspicioso desabrochar do ramo sacerdotal em seu meio. Através dele, esta grande família passou não só a dispor de maior assistência espiritual, como também a beneficiar-se de uma intensificação da vida sacramental de seus membros, o que de si já constitui fator de primordial importância para lograr a almejada *consecratio mundi*. O

97) ARAUTOS DO EVANGELHO, *Estatutos*, Cidade do Vaticano 2006, art. 3; 4.

98) Cf. J.-B., CHAUTARD, *A alma de todo apostolado*, Porto 2001, p. 10.

papel insubstituível que a graça divina ocupa neste empenho é ressaltado pelo Prof. Plínio Corrêa de Oliveira:

O papel da graça consiste exatamente em iluminar a inteligência, em robustecer a vontade e em temperar a sensibilidade de maneira que se voltem para o bem. De sorte que a alma lucra incomensuravelmente com a vida sobrenatural, que a eleva acima das misérias da natureza decaída, e do próprio nível da natureza humana. É nessa força de alma cristã que está o dinamismo da Contra-revolução.⁹⁹

O exercício ministerial dos Arautos do Evangelho clérigos tem como principal objetivo a assistência aos membros da própria Associação, de forma a preservar a pureza original do carisma sobretudo nos pontos que fazem parte da essência da sua espiritualidade, como a devoção à Eucaristia, a Maria e ao Papa.

Não obstante, a fundação do ramo clerical veio possibilitar também a abertura de um vasto campo de ação na atividade evangelizadora. Às formas de apostolado laical, foi possível somar o apostolado por excelência, que é o ministério da Palavra e a administração dos Sacramentos. Desta feita, o carisma dos Arautos, posto a serviço do ministério ordenado, pôde multiplicar os frutos de conversão entre os fiéis, graças à insubstituível eficácia da graça de Deus.

Outrossim, através da beleza da liturgia eximamente observada em suas rubricas, se tornou possível exercer uma ação mais profunda nas almas, não só levando-as a participar mais ativamente nos sagrados mistérios, mas também abrindo-lhes, através da solenidade dos rituais, a *via pulchritudinis* por excelência.

Nesse sentido, vem a propósito recordar as inspiradas palavras do Papa Bento XVI, na Catedral de Notre-Dame de Paris:

Sem dúvida, a beleza dos ritos nunca será bastante procurada, nem suficientemente cuidada nem assaz elaborada, porque nada é demasiado belo para Deus, que é a Beleza infinita. As nossas liturgias terrestres não poderão ser senão um pálido reflexo da Liturgia que se celebra na Jerusalém do Céu, ponto de chegada da nossa peregrinação na terra. Possam,

99) P. CORRÊA DE OLIVEIRA, *Revolução e Contra-revolução*, São Paulo 2002, p. 131.

porém, as nossas celebrações aproximar-se o mais possível dela, permitindo-nos antegozá-la!¹⁰⁰

Compreende-se, pois, a preocupação da Santa Sé em corrigir certos desvios no desenrolar dos atos litúrgicos que prejudicam sua beleza, privando assim a Igreja de um importante meio de ação e de santificação dos fiéis:

A beleza do amor de Cristo vem cada dia ao nosso encontro, não somente através do exemplo dos santos, mas também na sagrada liturgia, particularmente na celebração da Eucaristia onde o mistério se faz presente e ilumina de sentido e beleza toda a nossa existência. É o meio extraordinário pelo qual Nosso Senhor, morto e ressuscitado, nos comunica sua vida, nos une a seu Corpo como seus membros vivos, e assim nos torna participantes de sua beleza. [...]

A beleza da liturgia, momento essencial de experiência da fé e de encaminhamento rumo a uma fé adulta, não será reduzida à sua mera beleza formal. Ela é sobretudo a beleza profunda do encontro com a beleza de Deus. [...] Ela exprime a beleza da comunhão com Ele e com nossos irmãos, a beleza de uma harmonia que se traduz em gestos, em símbolos, em palavras, em imagens e melodias que tocam o coração e o espírito, e suscitam o maravilhamento e o desejo de encontrar o Senhor ressuscitado, Ele que é a Porta da Beleza.

A superficialidade, a banalidade, e inclusive a negligência de certas celebrações litúrgicas, não somente não ajudam o crente a avançar no caminho da fé, mas sobretudo chocam àqueles que voltam às celebrações cristãs e, em particular, à Eucaristia dominical.

Essencialmente voltada a Deus, ela é bela quando permite que todo o mistério de amor e comunhão se manifeste. A liturgia é bela quando é ‘agradável a Deus’ e nos introduz na alegria divina.¹⁰¹

100) “La beauté des rites ne sera, certes, jamais assez recherchée, assez soignée, assez travaillée, puisque rien n’est trop beau pour Dieu, qui est la Beauté infinie. Nos liturgies de la terre ne pourront jamais être qu’un pâle reflet de la liturgie céleste, qui se célèbre dans la Jérusalem d’en haut, objet du terme de notre pèlerinage sur la terre. Puissent, pourtant, nos célébrations s’en approcher le plus possible et la faire pressentir!” (BENTO XVI, *Homilia na celebração de vésperas para os sacerdotes, religiosos, seminaristas e diáconos na Catedral de Notre-Dame*, 12/9/2008, grifo do autor) in AAS 100 (2008), p. 692. Trad. port. <www.vatican.va>.

101) “The beauty of the love of Christ comes to meet us each day not only through the example of the Saints but more so through the holy liturgy, especially in the celebration of the Eucharist where the Mystery becomes present and illuminates with our Saviour, once dead and resurrected, shares His life with us, making us part of His Body as living members and making us participate in His Beauty. [...] The beauty of the liturgy, an Essentials moment in the experience of faith and the pathway towards an adult faith, is unable to reduce itself to mere formal beauty. It is first of all the deep beauty of the meeting with the mystery of God. [...] It expresses the beauty of the communion with Him and with our Brothers, the beauty of a harmony which translates into gestures, symbols, words, images and melodies

A liturgia realiza por seu simbolismo e essência, e do modo mais esplendoroso possível, essa sacralização das realidades temporais, em que se devem empenhar todos os fiéis. Na Celebração Eucarística, é o Céu que se liga à terra, o espiritual que oscula o temporal, é Cristo, a um tempo, o Arquétipo do gênero humano e o Filho de Deus, que Se oferece ao Pai, para interceder por seus irmãos. Bento XVI, na Exortação Apostólica *Sacramentum caritatis*, trata mais profundamente do valor teológico do belo na liturgia:

A relação entre mistério acreditado e mistério celebrado manifesta-se, de modo peculiar, no valor teológico e litúrgico da beleza. De fato, **a liturgia, como aliás a revelação cristã, tem uma ligação intrínseca com a beleza: é esplendor da verdade** (*veritatis splendor*). Na liturgia, brilha o mistério pascal, pelo qual o próprio Cristo nos atrai a Si e chama à comunhão. Em Jesus, como costumava dizer São Boaventura, contemplamos a beleza e o esplendor das origens. [...]

A beleza da liturgia pertence a este mistério; é expressão excelsa da glória de Deus e, de certa forma, constitui o céu que desce à terra. O memorial do sacrifício redentor traz em si mesmo os traços daquela beleza de Jesus testemunhada por Pedro, Tiago e João, quando o Mestre, a caminho de Jerusalém, quis transfigurar-Se diante deles (Mc 9, 2). Concluindo, a beleza não é um fato decorativo da ação litúrgica, mas seu elemento constitutivo, enquanto atributo do próprio Deus e da sua revelação. Tudo isto nos há de tornar conscientes da atenção que se deve prestar à ação litúrgica para que brilhe segundo a sua própria natureza.¹⁰²

that touch the heart and the spirit and raise marvel and the desire to meet the resurrected Lord, He who is the *Door of Beauty*. Superficiality, banality and negligent have no place in the liturgy. They not only do not help the believer progress on his path of faith but above all damage those who attend Christian celebrations, in particular the Sunday Eucharist. In the last few decades, some people have given too much importance to the pedagogical dimension of the liturgy and the desire to make the liturgy more accessible even for outsiders, and have undermined its primary function: the liturgy lets us immerse ourselves completely in the salvific action of God in His son Jesus, which makes it missionary. Essentially turned toward God, it is beautiful when it permits all the beauty of the mystery of love and communion to manifest itself. The liturgy is beautiful when it is 'acceptable to God' and immerses us in divine joy" (*Via Pulchritudinis*, 3.3.C).

102) "Relatio inter mysterium fide acceptum et celebratum per theologiam liturgicamque vim pulchritudinis peculiari ostenditur modo. Liturgia quidem, sicut ceterum Revelatio christiana, intrinsecum habet nexum cum pulchritudine: est veritatis splendor. In liturgia paschale fulget Mysterium per quod ipse Christus ad se ipsum nos attrahit atque communionem vocat. In Iesu, sicut sanctus solebat affirmare Bonaventura, pulchritudinem contemplamur atque originum fulgorem. [...] Pulchritudo liturgiae pars est huius mysterii; ea documentum est altissimum gloriae Dei atque constituit ut quodammodo Caelum conspiciatur super terram. Memoriale sacrificii redemptoris in se ipso signa affert huius pulchritudinis Iesu, cuius Petrus, Iacobus et Ioannes nobis dederunt testimonium, cum Magister, Hierosolyma petens, coram ipsis transfigurari voluit (Cf. Mc 9, 2). Pulchritudo idcirco non decorum quiddam actionis liturgicae, sed potius ipsius constitutionis est pars, eo quod est proprietatis Dei ipsius eiusque reve-

Poderá parecer paradoxal pretender, através da liturgia eucarística, influenciar e sacralizar as realidades temporais. Não se pode esquecer, todavia, a dimensão universal da Igreja da qual todos os fiéis fazem parte, inseridos num mistério de comunhão. Cada fiel pertence à grande família humana e é um elemento do cosmo, ante o qual tem uma determinada responsabilidade. Não se trata de um indivíduo isolado, que responde apenas por si. Daí a necessidade de um Juízo Final, no qual os homens serão julgados diante de todo o universo, revelando-se assim a dimensão social dos atos humanos. Bento XVI explana essa dimensão universal da liturgia eucarística:

Enfim, para desenvolver uma espiritualidade eucarística profunda, **capaz de incidir significativamente também no tecido social**, é necessário que o povo cristão, ao dar graças por meio da Eucaristia, tenha consciência de o **fazer em nome da criação inteira, aspirando assim à santificação do mundo** e trabalhando intensamente para tal fim. **A própria Eucaristia projeta uma luz intensa sobre a história humana e todo o universo.** Nesta perspectiva sacramental, aprendemos dia após dia que cada acontecimento eclesial possui o caráter de sinal, pelo qual Deus Se comunica a Si mesmo e nos interpela. Desta maneira, a forma eucarística da existência pode verdadeiramente favorecer uma autêntica mudança de mentalidade no modo como lemos a História e o mundo.¹⁰³

A Liturgia desempenha também outro papel de grande alcance na sacralização da sociedade, que consiste em transmitir através de símbolos revestidos de grande beleza as verdades da fé, com um efeito muito mais eficaz e profundo do que a simples catequização doutrinária. Nesse sentido, é conhecido o fato histórico dos emissários enviados pelo Príncipe Wladimir de Kiev a Constantinopla. Diante do esplendor da Liturgia, seu deslumbramento os levou a afirmarem não saber se estavam no Céu ou na terra.¹⁰⁴

lationis. Haec omnia conscios nos reddere debent quo studio sit nitendum ut liturgica actio suam propriam secundum indolem resplendescat” (*Sacramentum caritatis*, 35 in AAS 99 (2007), p. 133-134. Grifo do Autor).

103) “Nos aptos efficit Eucharistiae mysterium atque commovet ad audacem in huius orbis structuris industriam, ut novitatem illam in eas afferamus mutuarum coniunctionum quae in Dei dono fontem suum deprehendunt inexhaustum. Precatio, quam omni nos in sancta Missa iteramus: ‘Panem nostrum cotidianum da nobis hodie’, obstringit simul nos ut quaecumque possumus operantes cum internationalibus et statalibus et privatis institutionibus exsequamur, unde desistat aut decrescat saltem in mundo offensio ipsa famis et deminutae nutritionis, quam multa centena hominum milia in primis apud nationes progredientes perpetiuntur” (*ibid.* 92, grifo do Autor).

104) Cf. H. DANIEL-ROPS, *A Igreja dos tempos bárbaros*, São Paulo 1991, p. 499.

O Papa Pio XI discerniu com clareza esta realidade:

Com efeito, para instruir o povo nas verdades da fé e levá-lo assim às alegrias da vida interior, mais eficazes que os documentos do Magistério eclesiástico são as festividades anuais dos sagrados mistérios. Os documentos do Magistério, de fato, apenas alcançam um restrito número de espíritos mais cultos, ao passo que as festas atingem e instruem a universalidade dos fiéis. Os primeiros, por assim dizer, falam uma vez só, as segundas falam sem intermitência de ano para ano; os primeiros dirigem-se, sobretudo, ao entendimento; as segundas influem não só na inteligência, mas também no coração, quer dizer no homem todo.

Composto de corpo e alma, precisa o homem dos incitamentos exteriores das festividades, para que, através da variedade e beleza dos sagrados ritos, recolha no ânimo a divina doutrina, e, transformando-a em substância e sangue, tire dela novos progressos em sua vida espiritual.¹⁰⁵

Por fim, pode-se considerar um aspecto aparentemente menos eficaz da influência da liturgia sobre os fiéis. É próprio à natureza humana tender a imitar aquilo que admira, e nisso consiste a melhor forma de aprendizado. Não se poderá negar que um ato litúrgico celebrado com a devida penetração e manifestando toda a beleza que lhe é inerente há de exercer uma ação benéfica sobre os fiéis, moldando a fundo sua mentalidade e levando-os a imitarem, em alguma medida e com adaptações, o ritual presenciado.

Essa transposição do cerimonial não se cifra numa repetição de gestos, mas projeta para a vida temporal o ambiente de sacralidade dos atos litúrgicos. O pai ou a mãe que assiste a uma celebração esplendorosa desdobrará instintivamente no dia a dia, no “ritual” da igreja doméstica, o cerimonial presenciado na Igreja. Dar a bênção aos filhos, ou rezar antes das refeições, por exemplo, são maneiras de praticar o espírito católico na vida da família.

Por essas razões, dão os Arautos clérigos suma importância à perfeição da liturgia. Após as celebrações comunitárias, caso seja verificada alguma falha

105) “Etenim in populo rebus fidei imbuendo per easque ad interiora vitae gaudia evehendo longe plus habent efficacitatis annuae sacrorum mysteriorum celebritates quam quaelibet vel gravissima ecclesiastici magisterii documenta; siquidem haec in pauciores eruditioresque viros plerumque cadunt, illae universos fideles percillant ac docent; haec semel, illae quotannis atque perpetuo, ut ita dicamus, loquuntur; haec mentes potissimum, illae et mentes et animos, hominem scilicet totum, salutariter afficiunt. Sane, cum homo animo et corpore constet, debet is exterioribus dierum festorum sollemnibus ita commoveri atque excitari, ut divinas doctrinas per sacrorum varietatem pulcritudinemque rituum copiosius imbibat, et, in sucum ac sanguinem conversas, sibi ad proficiendum in spirituali vita servire iubeat” (Prus PP. XI, Ep. Enc. *Quas Primas*, de Festo Domini Nostri Iesu Christi Regis constituendo, 11/12/1925, in AAS 17 [1925] 603).

no cumprimento das rubricas, é feita a devida advertência, para se progredir sempre rumo ao mais belo. Com essa medida evita-se a tendência a descuidar o cumprimento das normas litúrgicas, o que pode se verificar dada a fraqueza da natureza humana.

6. *Atividades pastorais*

A evangelização pela liturgia passou a ser feita com especial beleza e primor a partir do momento em que os Arautos do Evangelho iniciaram a construção de suas próprias igrejas e capelas, em estilo conforme ao carisma, e também com os cuidados pastorais que assumiram em comunidades que lhes foram confiadas, atraindo assim grande número de almas. No Brasil, já têm atividade regular a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, no Seminário dos Arautos, a qual é provisoriamente sede paroquial compreendendo doze Comunidades disseminadas na vasta área territorial circundante (pertencente à Diocese de Bragança Paulista); a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, na Casa Generalícia da Sociedade Regina Virginum (também na Diocese de Bragança Paulista); a Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, no Colégio Arautos do Evangelho Internacional, como uma Comunidade da Paróquia de Santa Paulina (na Diocese de Campo Limpo). No Peru, a Arquidiocese de Lima confiou aos Arautos a Igreja de Nossa Senhora da Encarnação, pertencente ao mosteiro das agostinianas; em Roma a Igreja de *San Benedetto in Piscinula*, foi confiada também aos Arautos, além de uma paróquia na diocese de La Spezia, Itália.

Outro eficaz meio de evangelização é constituído pelas Missões Marianas, que consistem em visitas da Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima às residências, estabelecimentos comerciais e edifícios públicos. A ocasião é propícia para convidar as pessoas a irem à Missa, na paróquia local, oferecer a revista *Arautos do Evangelho*, participarem do Apostolado do Oratório,¹⁰⁶ regularizarem sua situação familiar ou pedirem outros sacramentos, assim como aderirem à pastoral do dízimo.

Em vários países, há comunidades que atuam permanentemente nas Missões Marianas, sendo acompanhados também por Arautos clérigos. Ficaram estas comunidades conhecidas como *Cavalaria de Maria*.

A título exemplificativo, uma comunidade da Cavalaria de Maria, no Brasil, no ano de 2011, visitou: 32.229 residências, 3.166 estabelecimentos públi-

106) Esta atividade evangelizadora é descrita sumariamente mais adiante.

cos em 16 dioceses. Foram obtidos 5.383 novos assinantes da revista *Arautos do Evangelho*. Os fiéis visitados pediram os seguintes sacramentos: Batismo (2.967), Primeira Comunhão (4.868), Confirmação (5.468), Matrimônio (2.604), Unção dos Enfermos (865). Convidados a participar na Pastoral do Dízimo das suas respectivas paróquias, 1.819 fiéis se comprometeram a fazê-lo. Foram estabelecidos 852 grupos do Oratório do Imaculado Coração de Maria. Ao fim de cada dia de missão foi celebrada a Eucaristia na igreja local, com numerosa participação de fiéis.

Indispensável referir também aqui o Apostolado do Oratório, o qual consiste na formação de conjuntos de 30 famílias, pelas quais circula, em cada dia do mês, um oratório com o busto ou a estampa do Imaculado Coração de Maria. No dia da visita a família se reúne para rezar o terço diante do Oratório. Atualmente, há 15.770 oratórios peregrinando por 2.286 paróquias no Brasil e mais de 25 mil Oratórios no total visitando cerca de 760 mil famílias, nas diversas nações onde se encontram os Arautos do Evangelho.

A devoção dos Cinco Primeiros Sábados, pedida por Nossa Senhora à Irmã Lúcia, é um valioso meio de aproximar os fiéis da vida eclesial. Esta iniciativa é promovida mensalmente pelos Arautos do Evangelho em 381 paróquias do Brasil.

Para a evangelização da juventude é levado a efeito, em escolas de ensino fundamental e médio, o *Projeto Futuro & Vida*, oferecendo aos interessados a participação em cursos de música, artes cênicas e esportes, promovidos pelos Arautos. A título exemplificativo, na cidade de São Paulo são beneficiados por este projeto cerca de 15 mil adolescentes por ano.

Com igual finalidade evangelizadora são mantidas pelos Arautos do Evangelho onze instituições de ensino primário e secundário, em oito países.

Na área editorial cabe destacar a revista mensal *Arautos do Evangelho*, publicada em italiano, espanhol, inglês e português em 11 edições com tiragem de cerca de 1 milhão de exemplares. Por sua vez, esta revista acadêmica *Lumen Veritatis* é publicada trimestralmente, com cerca de 2 mil exemplares de tiragem. Também são publicados em 13 países boletins informativos diversos, com tiragens variadas, destacando-se o Brasil com cerca de 4 milhões de exemplares distribuídos anualmente entre os membros solidários.

Numerosos *sites* e *blogs* são mantidos pelos Arautos e entidades coirmãs, com vistas à evangelização. Destaca-se o *site* institucional dos Arautos do Evangelho, em português, espanhol e italiano, assim como a televisão por internet: *TV Arautos*. A agência noticiosa *Gaudium Press* também veicula matérias através da *web*.

Entre os meios de evangelização usados pelos Arautos do Evangelho destaca-se o uso do *mass mailing* em 13 países. Por este método é possível distribuir gratuitamente publicações religiosas, por correio, atingindo assim grande número de pessoas que habitualmente não frequentam a Igreja. Só no Brasil, no ano de 2011, foram distribuídos 155 mil livros sobre o Rosário, cerca de 3,2 milhões de novenas e 4 milhões de medalhas religiosas, além de serem enviadas aproximadamente 2 milhões de cartas por mês. Em outros 12 países os envios postais totalizaram 7,7 milhões num ano.

Vistos sumariamente alguns aspectos da atividade evangelizadora dos Arautos do Evangelho, que têm por objetivo a sacralização da sociedade temporal, passa-se a seguir a tratar de um modo específico da graça operar nas almas, que acompanha o carisma do movimento.

7. Os Arautos do Evangelho: uma nova escola de amor a Deus

Essa impostação de alma anteriormente tratada — de amor aos aspectos mais elevados e deiformes da ordem do universo —, não se limita a uma operação da razão natural, pela qual se busca entender o simbolismo das criaturas e nelas discernir um espelho das qualidades divinas. Indispensável é considerar a ação do Espírito Santo nas almas, conduzindo-as pelas mais variadas vias, para superarem as dificuldades de sua época.

Nesse sentido, um dos grandes desafios da Igreja, neste terceiro milênio da Era Cristã, é a nova evangelização, ou seja, a recondução daqueles seus filhos que deixaram de praticar os deveres religiosos e se desligaram da plena comunhão eclesial. O que pode ser feito para atrair esse tipo de católicos? Uma vez que os métodos e práticas convencionais, para eles, muito se desgastaram, deixando de ter pleno significado, convém ressaltar que seria mais eficaz apresentar a mesma e imutável religião sob uma perspectiva inovadora, inteligentemente adaptada. É o que oferece o Pontifício Conselho para a Cultura no já mencionado Documento Final, mediante proposta para atrair os descrentes e indiferentes, que podemos também aplicar frutuosamente aos católicos não praticantes:

Diante dos desafios históricos, sociais, culturais e religiosos levantados nas duas Assembleias plenárias precedentes, quais aspectos da pastoral a Igreja é chamada a privilegiar em seu diálogo apostólico com os homens e mulheres de nosso tempo, notadamente os não-crentes e indiferentes? [...]

Nesta perspectiva, a *Via pulchritudinis* se apresenta como um itinerário privilegiado para que regressem muitos deles e os que sentem grandes dificuldades para receber o ensinamento, em particular o moral, da Igreja.¹⁰⁷

O exemplo do conhecido escritor francês Paul Claudel (1878-1955) bem ilustra o que se pretende afirmar. Foi durante o canto do *Magnificat*, na celebração de Vésperas na Catedral de Notre-Dame de Paris, que ele se converteu, deslumbrado com o esplendor e a beleza da Liturgia.

A descrição desse momento, por suas próprias palavras, é mais eloquente do que qualquer explicação teórica:

Foi então que se produziu o fato que domina toda a minha vida. Num instante, meu coração foi tocado e eu acreditei. Eu acreditei, com uma tal força de adesão, com uma tal comoção de todo meu ser, com uma convicção tão firme, com uma tal certidão que não deixa lugar para nenhuma espécie de dúvida que, depois, todos os livros, todos os raciocínios, todos os azares de uma vida agitada, não têm podido comover minha fé, nem, para dizer verdade, tocá-la.¹⁰⁸

Essa iluminação súbita do entendimento acompanhada de um afervoramento do coração, tal como se um *flash* fotográfico se acendesse na alma, é uma das formas características de atuação do Espírito Santo. Trata-se de uma experiência de Deus, sem que Ele Se faça perceptível aos sentidos externos, que São Bernardo a denomina “conhecimento saboroso das coisas divinas”.¹⁰⁹

Tratar-se-ia, por isso, de formar os membros dos Arautos, e por meio deles todo o âmbito de seu apostolado, na escola da *procura do Absoluto* acima mencionada, criando-se, assim, os pressupostos para despertar o desejo da restauração da inocência, a sede de perfeição e a aspiração à santidade, a que todos estão chamados enquanto cristãos batizados.

107) “Given the historical, social, cultural and religious challenges discerned during the last two plenary assemblies, what aspects of its pastoral work can the Church favour in her apostolic dialogue with the men and women of our times, notably with the unbelievers and the indifferent? [...] In this perspective, the Way of Beauty seems to be a privileged itinerary to get in touch with many of those who face great difficulties in receiving the Church’s teachings, particularly regarding morals. (*Via pulchritudinis*, II.1).

108) “C’est alors que se produisit l’événement qui domine toute ma vie. En un instant, mon cœur fut touché et je crus. Je crus, d’une telle force d’adhésion, d’un tel soulèvement de tout mon être, d’une conviction si puissante, d’une telle certitude ne laissant place à aucune espèce de doute que, depuis, tous les livres, tous les raisonnements, tous les hasards d’une vie agitée, n’ont pu ébranler ma foi, ni, à vrai dire, la toucher” (P. CLAUDEL, *Contacts et circonstances*, Paris 1940, p. 11).

109) Cf. A. TANQUEREY, *Compêndio de teologia ascética e mística*, Porto 1932, p. 835, n. 1348.

7.1. A via mística do “flash”

Sendo o carisma dos Arautos do Evangelho, antes de tudo, uma escola de amor a Deus baseada na contemplação amorosa e enlevada da ordem do universo, surge daí a pergunta: não lhes é dado participar na contemplação infusa de uma maneira específica?

Considerando o notável papel que teve o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira na formação religiosa e cultural do fundador dos Arautos do Evangelho, convém relatar um fenômeno místico ocorrido na juventude deste líder católico, durante uma Celebração Eucarística. Contou-o ele algumas vezes, com o intuito de instruir seus seguidores, mostrando-lhes como essas moções da graça, que podem ocorrer com certa frequência, têm importante papel na vida espiritual. Elas devem ser consideradas com especial atenção, pois são momentos em que Deus Se comunica de maneira intensa e sensível à alma, iluminando-a e fortalecendo-a mediante a contemplação infusa.

O edifício da Faculdade de Direito de São Paulo fora antigamente um convento franciscano, e a Igreja de São Francisco, a ele anexa, continuava aberta ao culto sob os cuidados dessa ordem religiosa. Em certa ocasião, por acaso, o jovem Plínio, então estudante de Direito, abriu a porta de um salão da faculdade e, para surpresa sua, deparou-se com o interior do recinto sagrado. Dali via o altar-mor no qual um sacerdote celebrava a Missa, estando no momento da consagração. A cena causou viva emoção em sua alma. O conjunto escultórico do retábulo representava o Padre Eterno de braços abertos, rodeado de seus anjos, olhando para o celebrante. A cena descrevia o que, na realidade, se passava durante a Missa, na qual é oferecido ao Pai o sacrifício do Filho.

Naquela ocasião, para o jovem universitário, todo o conjunto se revestiu de uma beleza e esplendor verdadeiramente indizíveis. Parecia — contava ele — que as imagens do altar estavam vivas e quase respiravam, e todos os fiéis recebiam graças em abundância, decorrentes da celebração da Santa Missa. Como nesse período passava ele por uma grande provação espiritual, rezou fervorosamente pedindo forças para perseverar em sua vocação até o fim da vida. Durante esses instantes sua alma foi inundada de unção, doçura e alegria, como nunca antes sentira. Foi uma das maiores consolações que recebeu no decorrer de sua longa existência, e que o ajudou a vencer a difícil provação que então o afligia.

O próprio Prof. Plínio Corrêa de Oliveira, alguns anos depois deste fato, definiu tal fenômeno como um acontecimento da via do *flash*. Eis a designação peculiar dada por ele a este tipo de graça mística, que proporciona à alma

a contemplação luminosa e fulgurante, trazendo à terra uma gota do Paraíso Celeste. Quanto a seus efeitos, que vieram a ser correntes em sua própria vida espiritual, ele assim os explicitava:

O *flash* atua sobre a alma fazendo cessar certo desequilíbrio por onde a pessoa é mais voltada às realidades corpóreas do que às espirituais, às coisas visíveis do que às invisíveis. A alma elevada assim pela graça permanece tomada por um deleite superior a qualquer outro que possa existir e torna-se, por assim dizer, leve e desimpedida, propendendo a toda forma de virtude. Ao receber um *flash*, resplandece de forma eminente, sobretudo, a fé, dando a impressão de tornarem-se evidentes as verdades sobrenaturais. A pessoa é como que transposta a uma ordem de coisas semelhante à existente no Paraíso e no Céu.

Cada vez que se recebe um *flash*, ainda nas suas formas mais distintas, abre-se para a alma uma possibilidade de ver estavelmente realidades extraterrenas que não veria, nem amaria sem ele. De maneira que o *flash* é propriamente que dá à alma o motivo, a força e o termo de seu amor.¹¹⁰

Essa forma de operar da graça poderá ser mais ou menos frequente conforme as vocações e as épocas históricas. Talvez entre as vocações religiosas seja ela mais assídua. Entre os Arautos, não é raro constatar em muitos deles os efeitos desse modo de agir do Espírito Santo, às vezes, por longos períodos.

As considerações feitas por Fr. Marie-Michel Philipon, OP, a respeito da ação da graça mediante o dom de sabedoria exprimem com rigor teológico e, ao mesmo tempo, beleza de estilo, o mais profundo efeito do *flash* na alma:

Tudo aprecia à maneira de Deus, contemplando o universo, à luz d'Aquele que é sua Causa suprema, de um modo supradiscursivo, sobre-humano, quase intuitivo, deiforme, participação eminente da Sabedoria incriada, chegando assim à mais alta via intelectual que é possível alcançar aqui na terra.

O homem purificado e convertido a este ponto é semelhante a Deus, os mínimos atos são inspirados pelo puro amor, operando-se uma transformação total da alma em Deus, de sorte que não forma senão um só espírito com Ele (I Cor 6, 17).¹¹¹

110) Conferência: P. CORRÊA DE OLIVEIRA, *Para os sócios da TFP brasileira*, São Paulo 30/9/1975.

111) “Lo aprecia todo a la manera de Dios, contemplando el universo, a la luz de Aquél que es su Causa suprema, de un modo supradiscursivo, sobrehumano, cuasi intuitivo, deiforme, participación eminente de la Sabiduría increada, llegando así a la más alta vía intelectual que es posible alcanzar aquí abajo. En el hombre purificado y convertido hasta este punto en semeiante de Dios, los actos más míni-

Quiçá a *procura do Absoluto*,¹¹² praticada pelos Arautos com a indispensável ajuda do flash e tão intimamente ligada ao seu carisma, seja um meio de atrair os fiéis para a Igreja. Esta forma de espiritualidade, que se poderia chamar de uma escola de amor a Deus, oferece-lhes condições para alçá-los a uma íntima união com o Criador, por meio da contemplação amorosa das suas perfeições espelhadas nas criaturas.

A *procura do Absoluto* representa, assim, no carisma dos Arautos, não somente um pressuposto da segura e sólida formação catequética e teológica, mas também o impulso que assegura o desenvolvimento da vida sobrenatural, com a indispensável auxílio da graça. A alma, tomada por uma sede espiritual que a leva a procurar sempre o ideal mais alto, voa com grande desenvoltura pelos vastos horizontes da Revelação, como seu *habitat* natural.

Ao considerar, por exemplo, a virgindade ímpar da Santíssima Virgem Maria, diante da qual os anjos e os homens se admiram, é-se movido a transcender até o próprio Deus Nosso Senhor, fonte de toda pureza. Esta imposição de espírito, por assim dizer, dá asas à alma, permitindo-lhe ascender incessantemente rumo ao auge dos auge, que é a própria Trindade.

Nas atividades evangelizadoras dos Arautos constata-se sempre que esses dons são derramados com profusa generosidade pelo Espírito Santo. Em muitos fiéis, por exemplo, que assistem a cerimônias litúrgicas particularmente esplendorosas, observam-se fenômenos semelhantes aos acima descritos, comprovados por suas reações de maravilhamento e pela súbita e séria mudança de vida, após terem passado décadas afastados da prática religiosa.

Não será isso um sinal de que muitos fiéis começam a enveredar pela via da *procura do Absoluto*, pela via do *flash*? Deus concede essas graças inten-

mos son inspirados por el puro amor, operándose una transformación total de la alma en Dios, de suerte que ya no forma sino 'un solo Espíritu con Él' ” (M. M. PHILIPON, *Los dones del Espíritu Santo*, Madrid 1985, p. 237).

112) Chama a atenção a similitude do conceito de *procura do Absoluto* e a *Via Pulchritudinis*, tema escolhido para a Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para a Cultura. Trazemos à consideração do leitor um trecho elucidativo nesse sentido: “The contemplation of the beauties of creation causes an interior peace and sharpens the sense of harmony and the desire for a beautiful life. With religious man, astonishment and admiration transform themselves into attitudes that are interior and spiritual: adoration, praise and thanksgiving to the Author of these beauties. As the psalmist sang: ‘I look up at your heavens, made by your fingers, at the moon and stars you set in place — ah, what is man that hoy should spare a thought for him, the son of man that you should care for him? Yet you have made him little less than a god, you have crowned hi with glory and splendour, made him lord over the work of your hands, set all things under his feet, [...] Yahweh, our Lord, how great is your name throughout the Earth!’ (Ps 8:3-6.10) The Franciscan tradition, with St Bonaventure, notes a sacramental dimension to creation, which traces of its origins. In this way, nature is considered an allegory and each natural reality as a symbol of its Author” (*Via Pulchritudinis*, III, 1, A).

sas aos que se iniciam no caminho da virtude para lhes dar a força de vencerem os obstáculos que encontrarão no peregrinar da existência terrena, como também para degustarem com muita antecipação, as consolações que receberão na eternidade. Por isso, diz-se do Espírito Santo na sua ladainha: *Dulcedo in tuo servitio incipientium*.

Vê-se assim que a *Via Pulchritudinis*, assumida, praticada e incentivada pelos Arautos, é um dos elementos principais do carisma. Bem pode ser este o meio do qual Se sirva o Espírito Santo para tocar os corações com graças místicas, de forma a poder dizer-se que, de fato, “a beleza salvará o mundo”.¹¹³

“A atual crise da fé — diz o Papa Bento XVI — é sobretudo uma crise da esperança cristã”.¹¹⁴ Ora, quem tem Maria como Mãe, não pode de forma alguma sentir-se desanimado. Nossa Senhora “brilha como sinal de esperança segura e de consolação, para o Povo de Deus ainda peregrinante, até que chegue o dia do Senhor”.¹¹⁵

Eis, sucintamente delineados, o carisma, o tipo humano, a espiritualidade, a finalidade e a escola de amor a Deus característicos dos Arautos do Evangelho.

Conclusão

Foram vistos, ao longo deste artigo, alguns traços essenciais do carisma de Arautos do Evangelho, o qual se pode sintetizar como sendo uma peculiar visão simbólica da ordem do universo criado, na qual se discernem os reflexos de Deus sobretudo através da beleza, o que nos dias atuais é denominado por muitos como *via pulchritudinis*. De todas as criaturas, a mais perfeita e bela é, sem dúvida, a Santa Igreja Católica, Esposa mística de Jesus Cristo, pela qual os Arautos devem nutrir um amor e veneração que quase toca as raias da adoração.

Essa visualização do universo e de Deus leva o Arauto do Evangelho a aspirar, em tudo, à perfeição, dando cumprimento ao mandamento de Nosso Senhor: “Sede perfeitos, como vosso Pai do Céu é perfeito”.¹¹⁶

113) Cf. F. M. DOSTOIEVSKI, *O idiota*. Trad. José Geraldo Vieira. São Paulo: Martin Claret, 2006, p. 422-423.

114) “Praesens fidei discrimen quod in re ipsa est ante omnia spei christianae discrimen” (*Spes salvi*, n. 17).

115) “Imago et initium est Ecclesiae in futuro saeculo consummandae, ita his in terris, quoadusque advenerit dies Domini” (*Lumen gentium*, n. 68).

116) Mt 5,48.

São descritos em seguida alguns desdobramentos do carisma. Certas virtudes mais características dele, como a magnanimidade ou a fortaleza, e um singular modo de ver o universo, acentuando a diversidade dos elementos que o compõem, o que exige um marcante senso de hierarquia. Ressalta-se ainda a necessidade de conservar ou restaurar a inocência, condição requerida por Nosso Senhor para entrar no Reino dos Céus.¹¹⁷

A espiritualidade dos Arautos, por sua vez, é fundamentada em três devoções: à Eucaristia, a Maria e ao Papa, como já mencionado.

A devoção eucarística não se limita à adoração frequente a Jesus Hóstia, mas inclui também a participação cotidiana na celebração da Santa Missa e na comunhão sacramental. A piedade mariana, seguindo a espiritualidade de São Luís Grignon de Montfort, requinta-se na consagração como escravo de amor a Jesus Cristo pelas mãos de sua Mãe, além de outras práticas marianas como a recitação diária do Rosário completo nos seus vinte mistérios. A vinculação ao Papado, expressa formalmente no art. 7º dos Estatutos dos Arautos, manifesta-se através de uma adesão irrestrita ao Magistério da Igreja e de uma “união afetiva e efetiva” com os bispos em comunhão com a Sé Apostólica. Esta devoção ao Papado, entre os Arautos, deve ter uma intensidade tal que seja análoga à escravidão de amor a Maria, guardadas as devidas proporções.

Nesta escola de amor a Deus, tem papel essencial uma intensa ação do Espírito Santo nas almas, de forma a movê-las à prática do bem e ao afervoramento do coração, por meio dos seus dons, especialmente o de Sabedoria. É o que entre os Arautos é conhecido como a via mística do *flash*.

Merece especial destaque na espiritualidade dos Arautos o papel desempenhado pela Liturgia, sobretudo, a Eucarística.

Com o surgimento do ramo clerical a Liturgia passou a fazer parte da vida cotidiana do movimento com uma intensidade muito maior. Se, por um lado, permitiu uma participação mais assídua aos Sacramentos, as celebrações litúrgicas realizadas nos oratórios privados e nas igrejas confiadas aos Arautos fizeram com que a vida comunitária se centrasse mais efetivamente na Liturgia, com o evidente benefício espiritual daí decorrente. Mas, o que foi uma vantagem, do ponto de vista sobrenatural, intramuros, tornou-se ao mesmo tempo um eficaz meio de atingir a finalidade laical do movimento, ou seja, a *consecratio mundi*. Verificou-se, pois, que a Liturgia, celebrada com o esplendor e as características próprias ao carisma, é um excelente meio de influenciar as várias categorias de membros, que vivem no mundo, sobretu-

117) Cf. Mt 18,3.

do os cooperadores e solidários, confirmando neles o carisma. O que redun-
da numa atuação mais profunda e duradoura na esfera temporal. Também os
vínculos entre os membros se viram reforçados pela participação nos sacra-
mentos, sobretudo pela comunhão eucarística, aumentando assim a força de
coesão do carisma.

Conclui-se que a finalidade dos Arautos — desde os primeiros momen-
tos, caracteristicamente laical —, com a fundação do ramo clerical e a inser-
ção da Liturgia no cerne da vida do movimento, não só se manteve inaltera-
da como houve um reforço de valor incalculável, para atingi-la. Com efeito,
se nos Sacramentos recebe-se a graça, na Eucaristia é o próprio Autor da gra-
ça que Se faz presente.

A finalidade do movimento poderia ser sintetizada no pedido que a Igre-
ja faz na oração que o Senhor nos ensinou, há dois mil anos: “Venha a nós o
Vosso Reino, seja feita a Vossa vontade, assim na terra como no Céu”.¹¹⁸

118) Mt 6, 10.